



*a liahona*

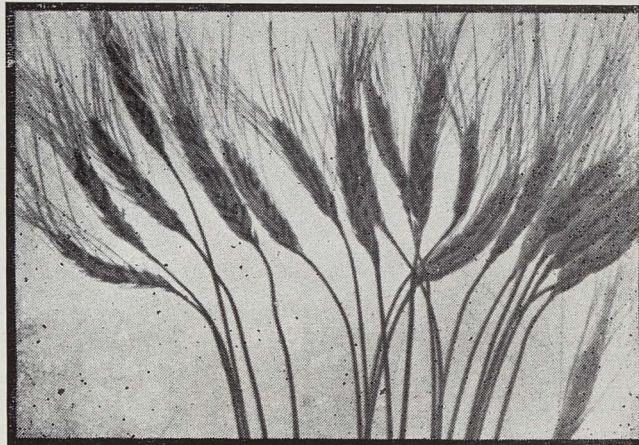
SETEMBRO DE 1964

STEREO



# O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, Diretor  
 THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, Regente  
 Alexander Schreiner e Frank W. Asper, Organistas



Pai Nosso (*The Lord's Prayer*)  
 Vinde, oh Santos! (*Come, come ye Saints*)  
 Bem-aventurados os que choram (*Blessed are they that mourn*)  
 Oh, meu Pai! (*O, my Father*)  
 Da Côte Celeste (*How great the wisdom and the love*)  
 Sanctus, Sanctus, Sanctus (*Holy, Holy, Holy*)  
 Salmo 148 (*148th Psalm*)  
 Eis um menino nos nasceu (*For unto us a Child is born*)  
 As lamentações de Davi (*David's Lamentations*)  
 Londonderry Air

Vencendo com Jesus (*Battle Hymn of the Republic*)

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*

Nem arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecidíssima elocução cristã tal como se encontra na parte final do Oratório do Livro dos Mormons, de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A simplicidade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtenritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sobre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*

Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profusão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas paútas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive Chester, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), ele nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: (*Arr. de Ralph Baldwin*)

Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes cor-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, ele sentiu que a alma da nação estava toda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para este interesse do que "Londonderry Air" — trabalho de muitos camponeses, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contorno melódico sobe três vezes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, estes afáveis camponeses elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*

A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católica Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso praticamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côte Celeste*

(*How Great the Wisdom and the Love*)  
 Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*

Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado na melodia do Salterio Genebrês (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em ritmos vigorosos. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada rítmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sobre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, todas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*

Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuía profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinariamente significativos do hino mormon. Contado com a música de uia melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de reaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interesse deste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa obrigada no segundo verso, que soa nostálgicamente junto às vozes das almas a um mundo anterior.

● Wilhousky: *Vencendo com Jesus*

(*Battle Hymn of the Republic*)  
 De uma experiência estética com as flores de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultaneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporariamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino canta "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Alleluia! Amém!"

Notas de JAY WELCH

Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo



MONAURAL - GOODYEAR

"CBS" Marca Registrada - Indústria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

# índice

Pontualidade .....	15
Humildade .....	16
Meu testemunho .....	20
Notícias .....	27
Sejam executores da palavra .....	28

<b>ARTIGO ESPECIAL</b> .....	14
------------------------------	----

## SEÇÕES

Jóias do pensamento .....	3
Editorial .....	4
Jesus, o Cristo .....	6
Sacerdócio nas missões .....	12
Juventude da promessa .....	21
Mensagem dos mestres visitantes .....	27

# a liahona

SETEMBRO DE 1964

VOL. XVIII — N.º 9

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da  
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

### Editôres

C. Elmo Turner  
Wayne M. Beck

### Redatora

Diva Ferreira

### Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

### Circulação

Maria Tereza Covacs

### PREÇOS:

Exterior: ANO ....	US\$	4,00
No Brasil: ANO ...	Cr\$	500,00
Exemplar: .....	Cr\$	50,00

Setembro de 1964

### Missão Brasileira

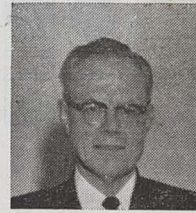
R. Henrique Monteiro 215,  
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:  
80-4638.

### Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,  
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Registrado sob N.º 93 do Livro B,  
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Im-  
pressoras Jornais e Periódicos, con-  
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.  
Composto e impresso na Edit. Gráf.  
Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333,  
S. Paulo.

## Jóias do Pensamento



DECISÕES E  
AUTO-CONTROLE

RICHARD L. EVANS

Ainda sobre o assunto de escolha, decisões e auto-contrôle: Alguns de nós lamentam que são vítimas do ambiente. Algumas vezes, assim é, mas não tanto quanto se supõe.

É real que o ambiente tem muito a ver com as decisões e ações dos homens, mas em nenhum ambiente há forças antagônicas e em nenhum ambiente há escolhas.

Em todos os ambientes há aqueles que alcançam mais alto e aqueles que permanecem mais embaixo. Em qualquer ambiente, bom ou mal, há uma escolha entre as maiores e as menores coisas, entre as boas e as más coisas e a esse respeito os homens decidem por si mesmos; os homens determinam as direções.

Shakespeare disse: "Deus deu-lhe uma face e você fará por si mesmo a outra." (Shakespeare, Hamlet, ato III.)

Nós próprios traçamos muitos caminhos pelas nossas decisões. Podemos escolher uma condição em qualquer ambiente, o que pensarmos, o que fazermos, o que não fazermos, quais os hábitos a adotar, e para avaliarmos nossa capacidade, somos responsáveis por essas escolhas.

E quando as pessoas justificam a falta de honestidade, de moral ou de ética nos ambientes em que atuam, estão meramente dizendo o que toda pessoa poderia dizer, ou deveria dizer, quando fracassa em fazer o que pode ou deve fazer.

Há pressões na vida. Sempre houve. Nós estamos sempre sendo influenciados, da mesma forma que influenciamos os outros. Mas isto não significa que temos de correr através da vida, sem leme.

"Os homens, como os rios — disse o Dr. Harvey Fletcher — tornam-se tortuosos por seguir a linha de menor resistência." (Dr. Harvey Fletcher, Se eu fosse você.)

Uma vez ou outra, alguém tem que dizer: "Coloca-te atrás de mim, Satanás. Assim disse George Eliot: "Nós somente podemos escolher, quer favoreçamos nós mesmos no momento presente, quer renunciemos a isto, por causa da obediente Voz Divina que ouvimos dentro de nós — pelo amor a sermos verdadeiros a todos os motivos que santifiquem as nossas vidas.

Esta é a substância do auto-contrôle: escolher, ou favorecer a nós mesmos no momento presente, ou obedecer à Divina Voz que existe dentro de nós. Abençoadamente, podemos trocar nossas vidas pelo melhor, se agirmos assim.



Com freqüência se ouve a seguinte pergunta:

“Porque a Igreja envia milhares de missionários para tôdas as partes do mundo cristão?”

A resposta pode ser dada especificamente: “para declarar a restauração do evangelho de Jesus Cristo.” A restauração do evangelho de Jesus Cristo implica em uma apostasia dos ensinamentos originais e a organização como proclamada e estabelecida por Cristo e os apóstolos antigos.

De maneira geral, devemos responder nas palavras dos exércitos celestiais no nascimento do Salvador — somos enviados para testificar da existência de Deus e da paz da terra e boa vontade aos homens através de seu filho Jesus Cristo.

Hoje os homens falam da paz, rejeitando o único plano de paz, o único plano dado debaixo dos céus. Disse Pedro, o chefe dos apóstolos, a certos homens que matavam a Cristo...

“Seja conhecido de todos vós e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquêle a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome dêsse é que êste está são diante de vós.

“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.” (Atos 4:10, 12.)

Nossos missionários hoje ensinam a realidade da existência de Deus e a irmandade do homem.

Por quase dois mil anos os professores seguidores de Jesus Cristo associaram a seu nascimento aquela anunciação divina — paz na terra, boa vontade para com os homens.

Na verdade, desde que o homem tomou o seu lugar na terra, a paz tem sido uma de suas mais nobres aspirações. Associado com êste desafio êle tem procurado liberdade individual; liberdade para falar, para escrever seus pensamentos, liberdade para ocupar-se sem restrições; liberdade para orar sem molestaçãõ; liberdade para construir uma casa em que os ditadores ou usurpadores não entrarão ilegalmente — essas são heranças sem preço e condições indispensáveis para o alcance da paz.

M  
ções  
o p  
N  
Jesu  
sécu  
paz  
pro  
mer  
que  
seri  
tos  
da  
os  
S  
dar  
dev  
que  
dad  
que  
é q  
mel  
A  
pios  
pod  
indi  
N  
cois  
de  
qua  
inse  
ato  
tidã  
S  
pon  
lho  
lare  
as  
des  
amc  
Set

# O Caminho da Paz

EDITORIAL POR PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

Mas, a maioria dos homens e nações cega e totalmente recusam aceitar o plano eterno que a ela conduz.

No início da era cristã quando Jesus profeticamente olhou através dos séculos vindouros, Ele sabia que a paz dependeria do lento e nunca falho processo de mudança da atitude mental e espiritual de cada indivíduo; que os costumes e hábitos do mundo seriam determinados pelos pensamentos mais íntimos e pelas convicções da alma dos indivíduos que compõem os grupos, estados e nações.

Se, no entanto, o mundo deve mudar, conseqüentemente, o indivíduo deve mudar. Apenas na medida em que os homens desejam paz e irmandade e desejam seguir os caminhos que levam a esta condição abençoada é que o mundo se tornará um lugar melhor para viver.

Apenas pela aderência aos princípios fundamentais de retidão é que pode ser conseguida paz para os indivíduos e nações.

Não pode ser encontrada paz nas coisas externas, e parte dela deve vir de dentro do indivíduo. Não há paz quando a consciência da pessoa está insensível ou quando cometeu algum ato indesejável. A paz brota da retidão da alma, de um viver diligente.

Se você deseja paz, sua é a responsabilidade de obtê-la. O evangelho restaurado ensina que nossos lares devem se tornar lugares onde as crianças estejam protegidas e se desenvolvam homens nobres: onde o amor encontre morada, a velhice re-

pouso, onde a oração encontrará um altar, e a nação uma fonte certa de poder e perpetuidade.

Ninguém tem paz consigo mesmo ou com Deus se não é honesto para com seu ego, se transgride as leis do direito, quer com referência a si mesmo, quer indulgindo em paixão, apetite; sendo infiel à sua confiança.

O transgressor da lei não consegue paz; pois ela é resultado da obediência à lei; e é essa mensagem que Jesus gostaria que proclamássemos entre os homens.

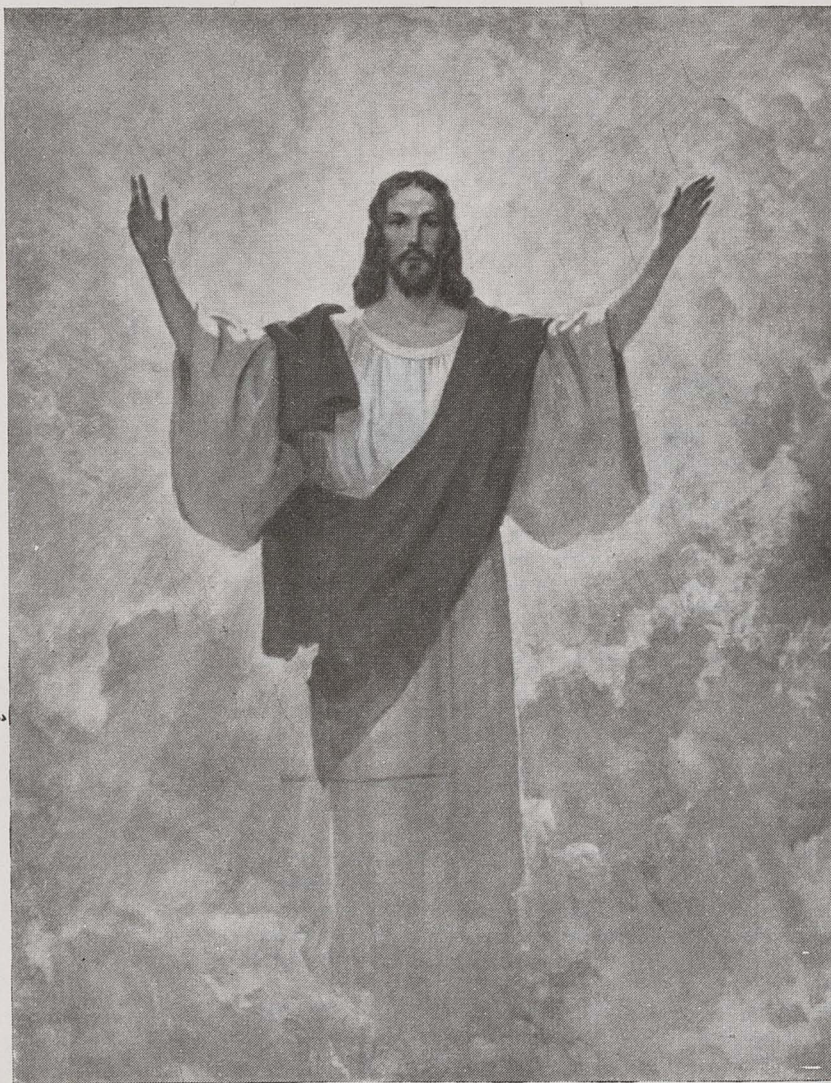
Se tivéssemos paz, suplantariamos a inimizade com a paciência. Tere-mos o poder para tal se realmente acarinharmos em nossos corações os ideais de Cristo, que disse:

“...se trouxerdes a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta e vai reconciliar-te com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.” (Mat. 5:23-24.)

Parece ser uma lei simples; que é um passo à frente para possibilitar a paz universal. Para que o mundo esteja em paz, deve suplantar a lei da força pela lei de amor.

A mensagem da Igreja de Jesus Cristo é proclamar a realidade do Cristo como real filho de Deus, o Pai. Um importante impacto dos princípios de seu evangelho é estabelecer paz nos corações dos homens, paz na vida familiar, paz nas cidades, nos países, paz em todo o mundo — essa é a declaração da Igreja.

# JESUS, O CRISTO



## CAPÍTULO XIV

Continuação do ministério de Nosso Senhor na Galiléia

Cafa  
nhed  
sós.  
fato  
cient  
reali  
luga  
tidã  
d'Él  
poré  
a ou  
para  
às al  
que  
cos,  
muit  
do o

te É  
ante  
quer  
palav  
que  
era -  
me c  
o sof  
te. S  
adian  
lepra  
lepro  
most  
Lei c

para  
para  
mento  
legais  
mo r  
comu  
dotal,  
e cri  
nhor.  
com r  
o mar  
ao ho  
pela c  
para  
nhor,  
te sou  
poder  
mo pe  
entant  
"a ap  
de so  
cidade  
tôdas

a.  
c.  
d.  
e.

Setem

## A CURA DE UM LEPROSO

Na manhã seguinte àquele memorável Sábado em Cafarnaum, nosso Senhor levantou-se bem antes de amanhecer e procurou um lugar fora da cidade para estar a sós. Num lugar solitário pôs-se a orar, demonstrando o fato que, embora fôsse o Messias, era profundamente consciente de Sua dependência do Pai, cuja obra havia vindo realizar. Simão Pedro e outros discípulos encontraram o lugar de seu retiro e contaram-Lhe que havia uma multidão à Sua procura. Logo o povo se reuniu em torno d'Ele e insistiram que permanecesse com eles; mas "Ele, porém, lhes disse: Também é necessário que eu anuncie a outras cidades o evangelho do reino de Deus, porque para isso fui enviado"<sup>a</sup> E aos discípulos disse: "Vamos às aldeias vizinhas, para que eu ali também pregue; porque para isso vim."<sup>b</sup> Então, partiu acompanhado por poucos, com os quais já estava familiarizado, e ministrou em muitas cidades da Galiléia, pregando nas sinagogas, curando os doentes e expulsando demônios.

Entre os aflitos que procuravam a ajuda, que somente Ele podia dar, estava um leproso,<sup>c</sup> que se ajoelhou diante d'Ele, e humildemente professou sua fé, dizendo: "Se queres, bem podes limpar-me". O pedido resumido nas palavras daquela pobre criatura era patético; a confiança que expressou é inspiradora. A dúvida de sua mente não era — Jesus pode me curar? Mas — será que Ele quer me curar? Em compaixão Jesus colocou sua mão sobre o sofredor, sujo como ele estava, pois a lepra é repugnante. Sabemos que a doença deste homem estava em estado adiantado, pois diz a escritura que ele estava "cheio de lepra". Então o Senhor disse: "Quero: Sê limpo". E o leproso foi curado imediatamente. Jesus admoestou-o a mostrar-se ao sacerdote e a fazer as ofertas prescritas na Lei de Moisés em casos como o seu.<sup>d</sup>

Nesta instrução vemos que Cristo não tinha vindo para destruir a lei, mas, como afirmou em outra ocasião, para cumpri-la,<sup>e</sup> e neste estágio de sua obra o cumprimento ainda estava incompleto. Ademais, se os requisitos legais tivessem sido desprezados em questão tão séria como restaurar a um leproso proscrito para o convívio da comunidade, da qual se havia exilado, a oposição sacerdotal, já aumentando e ameaçando Jesus, teria aumentado e criado um impecilho adicional para o trabalho do Senhor. Não deveria haver qualquer transigência do homem com respeito à instrução do Mestre. Jesus imediatamente o mandou embora. Ademais Ele explicitamente se dirigiu ao homem para que não contasse a ninguém a maneira pela qual havia sido curado. Talvez houvesse boas razões para insistir neste silêncio, além da regra de nosso Senhor, de não consentir notoriedade; pois, se o sacerdote soubesse do milagre antes da apresentação do homem, poderia haver alguma objeção quanto à sua aceitação como pessoa limpa mediante os ritos levitas. O homem, no entanto, não pôde conter as boas novas só para si, e saiu "a apregoar muitas coisas, e a divulgar o que acontecera; de sorte que Jesus já não podia entrar publicamente na cidade, mas conservava-se fora em lugares desertos: e de tôdas as partes iam tem com ele."<sup>f</sup>

- a. Lucas 4:42-44. b. Marcos 1:38.  
c. Marcos 1:40-45; Mateus 8:2-4; Lucas 5:12-15.  
d. Lev. 14:2-10. Nota 1, no fim do capítulo.  
e. Mateus 5:17. f. Marcos 1:45. g. Atos 10:38.

## CURA E PERDÃO DE UM PARALÍTICO

É preciso lembrar que nenhum dos evangelistas procura dar uma história detalhada de todos os feitos de Jesus, nem seguem todos a mesma ordem ao relatar os incidentes com os quais associam as grandes lições dos ensinamentos do Mestre. Há muita incerteza quanto à real seqüência dos acontecimentos.

"Alguns dias" depois da cura do leproso, Jesus estava novamente em Cafarnaum. Não são especificados quaisquer detalhes do que fez durante êsse intervalo; mas sabemos que Sua obra continuou, pois a característica de Sua ocupação era fazer o bem.<sup>g</sup> O local onde morava em Cafarnaum era bem conhecido e logo se espalhou a notícia de que Ele estava em casa.<sup>h</sup> Uma grande multidão se reuniu, de forma que não cabiam todos na sala; também o corredor estava repleto e os atrasados não podiam se aproximar do Mestre. Para todos que estavam dentro Jesus pregou o evangelho. Um pequeno grupo de quatro pessoas se aproximou trazendo uma cama onde estava deitado um homem aflito com uma espécie de paralisia, que despojava a pessoa da capacidade de movimento voluntário e, comumente, da fala; o homem estava inútil. Seus amigos, desapontados por não ser possível alcançar Jesus por causa da multidão reunida, recorreram a uma atitude incomum, que demonstrou de forma resoluta sua fé no Senhor, como Alguém que podia repreender e curar doença, e sua determinação de solicitar a bênção desejada de Suas mãos.

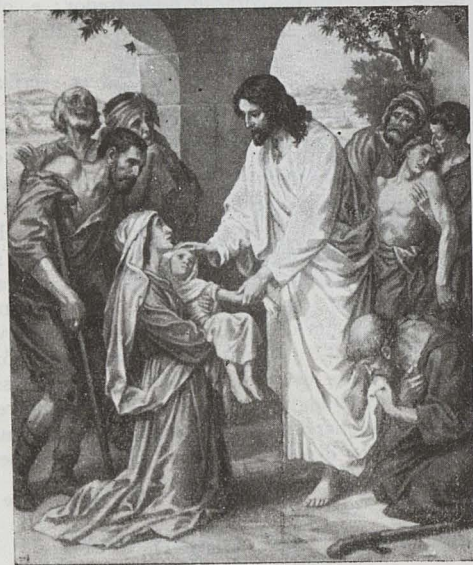
De alguma forma levaram o homem aflito ao telhado da casa, provavelmente usando uma escada do lado de fora ou entrando numa casa contígua, descendo as escadas até o seu telhado e passando dali para a casa onde Jesus estava ensinando. Desmancharam parte do telhado, fazendo uma abertura, ou alargando o alçapão que havia nas casas daquele lugar e, para surpresa da multidão reunida, desceram a cama onde estava deitado o homem paralítico. Jesus ficou profundamente impressionado com a fé e atitude<sup>i</sup> daqueles homens que se esforçaram para colocar o paralítico em sua frente; sem dúvida, também, sabia da fé existente no coração do sofredor; e, olhando com compaixão para o homem, disse: "Filho, os teus pecados estão perdoados".

Entre o povo que estava reunido havia escribas, fariseus e doutores da lei, não apenas representantes da sinagoga local, mas alguns que tinham vindo de cidades distantes da Galiléia, e alguns da Judéia e mesmo de Jerusalém. Em ocasiões anteriores a classe oficial havia se oposto a nosso Senhor e Suas obras, Sua presença nesta oportunidade provocou crítica posterior e possível obstrução. Ouviram as palavras ditas ao paralítico e se enfureceram. Em seus corações acusavam Jesus de terrível ofensa de blasfêmia, que consiste essencialmente em clamar ao poder humano ou do demônio as prerrogativas de Deus ou desonrá-LO, imputando-se atributos próximos da perfeição.<sup>j</sup> Esses eruditos incrédulos, que incessantemente escreviam e falavam da vinda do Messias, rejeitavam-no mesmo quando Ele estava lá presente; murmuravam em silêncio, dizendo consigo: "Quem pode perdoar

- h. Marcos 2:1-12; compare com Mateus 9:2-8; e também com Lucas 5:17-24.  
i. Compare com Tiago 2:14-18.  
j. Nota 2, no fim do capítulo.

pecados senão só Deus"? Jesus conhecia seus pensamentos mais íntimos,<sup>1</sup> e respondeu-lhes, dizendo: "Que arrazoais em vossos corações? Qual é mais fácil? dizer: Os teus pecados te são perdoados; ou dizer: Levanta-te e anda"? E então, para enfatizar e não deixar dúvida quanto à Sua divina autoridade, adicionou: "Ora, para que saibais que o Filho do homem tem sôbre a terra poder de perdoar pecados (disse ao paralítico), a ti te digo: Levanta-te, toma a tua cama e vai para tua casa". Então o homem se levantou completamente restabelecido; e, pegando o colchão sôbre o qual havia sido trazido, andou diante dêles. O assombro do povo se confundiu com reverência e muitos glorificaram a Deus, de cujo poder eram testemunhas.

Este incidente exige um estudo adicional de nossa parte. De acôrdo com uma das narrações, as primeiras palavras do Senhor ao aflito foram: "Filho, tem bom ânimo"; seguidas diretamente pela afirmação confortadora e imperiosa: "perdoados te são os teus pecados."<sup>m</sup> Provavelmente o homem estava com medo; devia saber que sua doença era resultado de práticas iníquas, não obstante, embora considerasse a possibilidade de ouvir apenas condenação por sua transgressão, tinha fé em ser curado. No caso dêste homem havia simplesmente uma estreita conexão entre seu passado de pecados e sua presente aflição; e neste particular seu caso não é único, pois vemos que Cristo admoestou um outro, que foi curado, que não pecasse mais, para que não lhe acontecesse algo pior.<sup>n</sup> No entanto, não há justificação para supor-se que tôdas as doenças físicas são resultado de pecado; e contra tal concepção existe a instrução e resposta do Senhor àqueles que, no caso de um homem que havia nascido cego, perguntaram quem havia pecado, se o homem ou se seus pais, para que caísse sôbre êle tão grande maldição, a cuja pergunta nosso Senhor respondeu que a cegueira do homem não era conseqüência nem de seus próprios pecados nem dos pecados de seus pais.<sup>o</sup>



Em muitos exemplos, entretanto, a doença é o resultado direto de pecado individual. Qualquer que tenha sido a profundidade da ofensa anterior, feita por parte daquele homem paralítico, Cristo reconheceu seu arrependimento e a fé que o acompanhava, e o Senhor tinha prerrogativa legítima de decidir quanto ao merecimento do homem que podia receber remissão de seus pecados e alívio de sua aflição corporal. A resposta interrogativa de Jesus à crítica tácita dos escribas fariseus e doutores, tem sido interpretada de várias maneiras. Êle perguntou o que era mais fácil, dizer: "Os seus pecados estão perdoados" ou dizer: "Levanta-te, e toma a tua cama e anda?" É uma explicação racional que, pronunciadas autorizadamente por Êle, as duas expressões têm o mesmo significado. A circunstância deveria ter sido uma demonstração suficiente a todos que o ouviam, que Êle, o Filho do Homem, clamava e possuía o direito e poder para remir as penalidades físicas e espirituais, para curar o corpo de visível doença, e para depurar o espírito da não menos real doença do pecado. Na presença de pessoas de tôdas as classes Jesus, portanto, liberalmente asseverou Sua divindade e afirmou-a com a manifestação miraculosa de poder.

A acusação de blasfêmia, que formulavam os críticos rabínicos em suas mentes contra o Cristo, não terminaria com o seu conceito mental, nem se anularia com as observações posteriores de nosso Senhor. Foi através de testemunho falso que Êle finalmente recebeu condenação injusta e foi morto.<sup>p</sup> Já na casa de Cafarnaum, a sombra da cruz atravessou o curso de Sua vida.

#### PUBLICANOS E PECADORES

Da casa Jesus afastou-se para a praia, com o povo O seguindo; lá Êle os ensinou novamente. No encerramento de seu discurso andou adiante e viu um homem de nome Levi, um dos publicanos<sup>q</sup> ou oficiais coletores de taxas, sentado na casa dos tributos, onde eram pagas as tarifas exigidas pela lei romana. Êste homem era conhecido também como Mateus, um nome pouco menos distintivamente judeu que Levi.<sup>r</sup> Êle mais tarde se tornou um dos Doze e autor do primeiro dos evangelhos. A êle Jesus disse: "Segue-me". Mateus deixou seu lugar e seguiu o Senhor. Algum tempo depois o nôvo discípulo fez uma grande festa em sua casa, em honra do Mestre; e outros discípulos estavam presentes. Tão detestável aos judeus era o poder de Roma, ao qual estavam sujeitos, que sentiam aversão por todos os oficiais romanos. Particularmente humilhante para êles era o sistema de taxação compulsória, pela qual êles, o povo de Israel, tinha que pagar tributo a uma nação alienígena, que em seu conceito era completamente pagã e gentia.

Naturalmente os cobradores dessas taxas eram detestados; e êles, conhecidos como publicanos, provavelmente ressentiam o tratamento indelicado, pela obrigação intransigente dos requisitos da taxa e, como afirmado pelos historiadores, geralmente infligiam extorsão ilegal ao povo.

1. Veja um outro exemplo de nosso Senhor lendo pensamentos secretos em Lucas 7:39-50.
- m. Mateus 9:2. Nota 5, no fim do capítulo.
- n. João 5:14. Leia o começo do capítulo 15.
- o. João 9:1-3.
- p. Compare João 10:33 e 5:18; Mateus 26:65-66.
- q. Nota 3, no fim do capítulo.
- r. Mateus 9:9-13; Marcos 2:13-17; Lucas 5:27-32.

Se c  
tame  
por  
para  
do J  
socia  
que  
e "j  
mun  
muit  
fora  
maio  
dore

pass  
em  
aos  
com  
ponc  
dos  
de r  
"Nã  
arrej  
zesse  
pode  
e pr  
das  
que  
do r  
se s  
é co  
quan  
Se a  
comp  
rara  
Os j  
mas  
que  
ester

faris  
tando  
presc  
seu  
mant  
o M  
então  
obse  
comp  
cípulo  
natu  
disci  
sôbre  
serar  
de J  
pulos  
apris

s  
t  
1  
Sete

Se os publicanos em geral eram detestados, podemos prontamente entender o desgosto que deviam ter os judeus por alguém de sua própria nação que aceitasse a nomeação para tal cargo. Neste inviável papel estava Mateus quando Jesus o chamou. Os publicanos formavam uma classe social distinta, pois eram praticamente proscritos. Todos que se associavam com eles partilhavam do ódio popular e "publicanos e pecadores" tornaram-se designações comuns para uma casta degradada. Para a festa de Mateus muitos de seus amigos e alguns dos oficiais seus colegas foram convidados, de forma que a frequência era, em sua maioria, formada pelos desprezados "publicanos e pecadores". E para tal reunião foi Jesus e Seus discípulos.

Os escribas e fariseus não poderiam ter deixado passar tal oportunidade para acusar e criticar. Hesitavam em endereçar-se diretamente a Jesus, mas perguntaram aos discípulos com desdém: "Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?" O Mestre ouviu e respondeu com edificante e esplêndida ironia. Citando um dos comuns aforismas da época, disse: "Não necessitam de médicos os sãos, mas sim os doentes." E adicionou: "Não vim a chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento." Deixou que os fariseus hipócritas fizessem sua própria aplicação daquela réplica, que alguns podem haver entendido que era impugnado seu orgulho e pretensão de superioridade. Ao lado do sutil sarcasmo das palavras do Mestre, deviam ter percebido a sabedoria que encerrava sua resposta e haver-se beneficiado. O lugar do médico não é entre os aflitos? Ele seria justificado se se apartasse dos doentes e sofredores? Sua profissão é combater a doença, prevenindo quando possível, curando quando necessário, utilizando o máximo de sua capacidade. Se a assembléia festiva na casa de Mateus realmente compreendia diversos pecadores, não era a ocasião uma rara oportunidade para a ministração do Médico de Almas? Os justos não precisam ser chamados ao arrependimento; mas devem os pecadores serem deixados em pecado, porque os que se professam mestres espirituais não aceitam estender uma mão de ajuda?

### O VELHO E O NÓVO

Pouco depois da reunião realizada por Mateus, os fariseus estavam prontos com outra crítica e nesta contando com alguns dos associados do Batista. João estava preso; porém, muitos dos que haviam sido atraídos por seu batismo e professavam ser seus discípulos, ainda mantinham seus ensinamentos e não compreendiam que o Mais Poderoso, do qual ele havia testificado, estava então ministrando entre eles. O Batista tinha sido um observador escrupuloso da lei. Seu estrito asceticismo competia com o rigor da profissão farisáica. Seus discípulos, incapazes de progredir, agora sem um líder, naturalmente se associaram com os fariseus. Alguns dos discípulos de João vieram a Jesus e perguntaram-Lhe sobre Sua aparente indiferença quanto ao jejum. Propuseram uma questão simples: "Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus e não jejuam os Teus discípulos?"<sup>s</sup> A resposta de nosso Senhor aos amigos do agora aprisionado Batista deve ter-lhes feito lembrar das palavras

s. Marcos 2:18-22; Mateus 9:14-17; Lucas 5:33-39.

t. Leia o fim do capítulo 12.

u. Marcos 2:19-20. v. Marcos 2:21-22.

de seu amado líder, quando comparou-Se ao amigo do espôso e simplesmente disse-lhes que era o espôso. "E Jesus disse-lhes: Podem porventura os filhos das bodas jejuar enquanto está com eles o espôso? Enquanto têm com eles o espôso não podem jejuar; mas dias virão em que lhes será tirado o espôso, e então jejuarão naquele dia."<sup>u</sup>

Se os interrogadores pudessem compreender a verdadeira importância desta resposta, não falhariam em encontrar nela uma ab-rogação subentendida das observações puramente cerimoniais compreendidas no código de leis rabínicas e as numerosas tradições associadas com a lei. Mas para deixar claro o assunto em suas mentes predispostas, Jesus usou ilustrações, que podem ser classificadas como parabólicas. "Ninguém — disse — deita remendo de pano novo em vestido velho; doutra sorte o mesmo remendo novo rompe o velho e a rotura fica maior. E ninguém deita vinho novo em odres velhos; doutra sorte, o vinho novo rompe os odres e entorna-se o vinho, e os odres estragam-se; o vinho novo deve ser deitado em odres novos."<sup>v</sup>

Assim foi como o Senhor proclamou as novidades e plenitudes de Seu evangelho. Não era de forma alguma um remendo do judaísmo. Não tinha vindo para remendar roupas velhas e rotas; o vestido que trazia era novo, e costurá-lo sobre o velho só resultaria em rasgar de novo o pano velho, deixando uma rotura pior do que a primeira. Ou, para mudar a figura, vinho novo não poderia ser entornado em odres velhos. Os odres a que se referia eram feitos de peles de animais e, naturalmente, deterioravam-se com o tempo. Assim como o couro velho se parte com a mais leve tensão, assim também os odres de pele velhos se romperiam com a pressão da fermentação, e o vinho novo se perderia. O evangelho ensinado por Cristo era uma revelação nova, suplantando o passado e marcando o cumprimento da lei; não era mero *addendum* nem uma simples reiteração dos requisitos do passado; incorporava um convênio novo e sempiterno. As tentativas de remendar o manto do tradicionalismo judaico com o novo pano de convênio podia resultar em nada mais que a rotura do pano. O vinho novo do evangelho não podia ser contido nas velhas taças das libações mosaicas. O judaísmo seria menosprezado e o cristianismo pervertido por tão incongruente associação.<sup>x</sup>

### PESCADORES DE HOMENS

É improvável que os discípulos que seguiram Jesus nos primeiros meses de Seu ministério tenham permanecido com Ele continuamente até a época que estamos considerando. Acharmos que alguns dos que mais tarde foram chamados ao apostolado eram pescadores mesmo enquanto Jesus estava ativamente empenhado como um Mestre em sua vizinhança. Um dia, quando o Senhor estava perto do lago ou mar da Galiléia, o povo O pressionava em grande número, ansiosos para ouvir mais das maravilhosas palavras que estava acostumado a falar.<sup>z</sup> Perto dali havia dois barcos de pescadores parados na praia; seus donos estavam por perto, lavando e remendando suas rédes. Um dos barcos pertencia a Simão Pe-

x. Veja o livro A Grande Apostasia, capítulo 7.

z. Lucas 5:1-11; compare com Mateus 4:18-22; e também com Marcos 1:16-20.

dro, que já se havia identificado com a obra do Mestre; Jesus entrou neste barco e então pediu a Simão que se afastasse um pouco da terra. Sentando-se com os mestres daquele tempo faziam ao proferir seus discursos, o Senhor pregou dêste púlpito flutuante para a multidão que estava na praia. Não sabemos qual foi o tema de sua pregação.

Quando terminou o sermão, Jesus mandou que Simão fôsse ao alto mar e que lançasse as rêdes para pescar. Presumivelmente André estava com seu irmão no barco e talvez outros assistentes também. Simão replicou a Jesus: "Mestre, havendo trabalhado tôda a noite nada apanhamos; mas sôbre tua palavra lançarei a rêde." Logo a rêde estava repleta de peixes; tão grande foi a redada que a rêde começou a quebrar-se e os pescadores acenaram aos de outro barco para que viessem ajudar. A pesca encheu ambos os barcos de forma que pareciam estar em perigo de afundar. Simão Pedro estava surpreendido com esta nova evidência do poder do Mestre e, caindo aos pés de Jesus, exclamou: "Senhor, ausenta-Te de mim que sou um homem pecador." Jesus respondeu

graciosamente e com a promessa: "Não temas, de agora em diante serás pescador de homens."<sup>a</sup> Os ocupantes do outro barco eram Zebedeu e seus dois filhos Tiago e João, êste último era aquêle que com André deixaram ao Batista seguir Jesus no Jordão.<sup>b</sup> Zebedeu e seus filhos eram sócios de Simão no negócio da pesca. Quando os dois foram trazidos à terra, os irmãos Simão e André e os dois filhos de Zebedeu, Tiago e João, deixaram seus barcos e seguiram a Jesus.

A discussão anterior é baseada no registro de Lucas; os registros mais breves e menos circunstanciais dados por Mateus e Marcos omitem o incidente da pesca milagrosa e enfatizam o chamado dos pescadores. A Simão e André Jesus disse: "Vinde após Mim e Eu vos farei pescadores de homens." Portanto, o contraste apresentado entre sua profissão anterior e o nôvo chamado é bem enfático. Até então haviam pescado e o destino do peixe era a morte; dali por diante deveriam pescar homens — para a vida eterna. Para Tiago e João o chamado não foi mesmo definitivo; e ambos deixaram tudo para seguir o Mestre.

## NOTAS

1. *Lepra*. — Na Bíblia êste nome é aplicado a diversas doenças, tôdas, entretanto, com os mesmos sintomas, principalmente nos primeiros estágios da moléstia. A verdadeira lepra é um flagelo e uma praga em muitas das terras orientais de hoje. Zenos, em seu *Standard Bible Dictionary*, diz: "A verdadeira lepra como é conhecida nos tempos modernos, é uma afecção caracterizada pela aparição de nódulos na sobrancelha, faces, nariz e lóbulos da orelha, também nas mãos e nos pés, onde a moléstia come as juntas, causando a queda dos dedos e artelhos. Se os nódulos não aparecem, surgem manchas brancas ou a pele fica descolorida. Ambas as formas são baseadas na degeneração funcional dos nervos da pele. Sua causa foi descoberta por Hansen em 1871. Uma condição favorável para a cultura do bacilo parece ser uma dieta defectiva. A lepra era uma das poucas condições anormais do corpo que a lei levítica declarava imunda. Portanto, faziam uma provisão elaborada para testar a existência e para a purificação daqueles que tinham sido curados."

Deems, em *Light of the Nations*, p. 185, resumindo as incidentes condições dos estágios da pavorosa doença, escreve: "Os sintomas e efeitos desta doença são repugnantes. Aparece uma casca ou intumescimento branco, com mudança da cor do cabelo para amarelo; então aparece uma mancha mais profunda; ou ferida, no lugar do intumescimento. Então se espalha e ataca a porção cartilaginosa do corpo. As unhas se desprendem e caem. As gengivas amortececem e os dentes apodrecem e caem; o hálito é fétido, o nariz apodrece; os dedos, mãos e pés podem ser perdidos, ou os olhos comidos. A beleza humana cai em corrupção e o paciente sente que está sendo comido como por um demônio, que o consome vagarosamente numa refeição impiedosa que não termina até que seja destruído. Êle é isolado de seus amigos. Quando êles se aproximam êle deve gritar 'Imundo, imundo!', para que tôda a humanidade possa ser afastada de sua área. Deve abandonar sua espôsa e filhos. Precisa ir viver com outros leprosos, com visão de misérias como a sua que cortam o coração. Deve morar em casas desmanteladas ou em tumbas. E, como diz Trench, uma terrível parábola da morte. Pelas leis de Moisés (Lev. 13:45; Num. 6:9; Eze. 24:17) era obrigado, como se êle estivesse chorando sua própria doença, a ter em seu redor os emblemas da morte: roupas rasgadas;

a cabeça à mostra e os lábios cobertos, como se costumava fazer com aquêles que tinham comunhão com os mortos. Quando as Cruzadas trouxeram a lepra do Oriente, era comum cobrir o leproso com uma mortalha e dizer para êle a missa dos mortos... Em tôdas as épocas esta indescriivelmente horrenda doença tem sido considerada incurável. Os judeus acreditavam que Jeová a infligia diretamente, com punição por alguma perversidade extraordinária ou algum ato transcendente de pecado e que apenas Deus podia curar. Quando Naamã foi curado e sua carne renovada como a de uma criança, êle disse: 'Eis que tenho conhecido que em tôda a terra não há Deus senão em Israel.'" (2 Reis 5:14-15)

O fato de que a lepra não é contagiosa é acentuado por Trench, *Notes on the Miracles*, pp. 165-168, e o isolamento dos leprosos, exigido pela lei mosaica, é por êle considerado como uma pretensa lição e figura para ilustrar as impurezas espirituais. Diz: "Refiro-me à suposição errada de que a lepra era transmitida de uma pessoa a outra; e que os leprosos eram tão cuidadosamente isolados a menos que houvesse perigo de contaminação, assim a roupa era separada, o lábio coberto, o pregão 'Imundo! Imundo!' (Lev. 13:45) constituíam avisos para que todos se mantivessem afastados, pois caso tocassem o leproso ou se aproximassem em demasia, poderiam ser contaminados pela doença. No que diz respeito à existência de tal perigo, quase todos que têm estudado o assunto concordam que não era contagiosa por simples contacto entre uma pessoa e outra. O leproso podia transmitir a doença a seus filhos ou a mão de uma criança leprosa podia ser contaminada por ela. Tôdas as menções feitas no Velho Testamento, assim como outros livros judeus, confirmam que temos aqui algo muito mais elevado que uma mera regulamentação sanitária. Portanto, quando a lei de Moisés não era observada, não era necessária tal reclusão; Naamã, o leproso, comandava o exército da Síria (2 Reis 5:1); Geazi, com sua lepra incurável, (2 Reis 5:27) falava familiarmente com o rei apóstata de Israel. (2 Reis 8:5) ... Como, então, poderiam os sacerdotes levitas ter se livrado da lepra, se a moléstia fôsse realmente contagiosa, obrigados como eram por seu ofício a tocar o leproso para ser examinado minuciosamente. ... A lepra não era senão uma morte vivente, uma corrupção de todos os humores, um envenenamento das

a. Nota 4, no fim do capítulo.

b. Leia o texto do segundo subtítulo do cap. 11.

próp  
de  
apod  
rênc  
rind  
do v  
sumi  
quer  
não  
tais  
de t  
visiv  
peca  
clim  
e pe  
Traz  
rasg  
cabe  
trav  
a bô  
mort  
Num  
pois  
e os  
devit  
tant  
deve  
cont

caçã

fêmi  
fana  
sumi  
tôda  
26:6  
gres  
(Nu  
fêmi  
24:1  
inglé  
trad  
acus  
à m  
coloc  
sua  
gava  
(Ve)

cont  
 públ  
que  
dete  
(os  
torn  
de c  
porc  
não  
aos  
seu

próprias fontes da vida; uma dissolução lenta de todo o corpo, de forma que membro por membro do corpo realmente apodrecia e desaparecia. Aarão descreve exatamente a aparência do leproso aos olhos dos observadores, quando, interferindo por Miriã, diz: 'não seja ela como um morto, que saindo do ventre de sua mãe tenha metade da sua carne já consumida.' (Num. 12:12) A doença, entretanto, era incurável quer pela arte quer pela destreza humana; não que o leproso não pudesse nunca mais ser curado; pois, ainda que raro, tais casos são contemplados na lei levítica... o leproso, que de tal forma levava sobre o corpo as marcas exteriores e visíveis do pecado da alma, era tratado sempre como um pecador, alguém em quem o pecado havia alcançado seu clímax, como alguém que havia morrido em transgressão e pecado. Era ele mesmo uma terrível parábola de morte. Trazia consigo os emblemas da morte (Lev. 13:45): as roupas rasgadas, lamentando-se de si mesmo como um morto; a cabeça raspada, como eram obrigados a ter aqueles que entravam em comunhão com os mortos (Num. 6:9; Eze. 24:27); a boca coberta (Eze. 24:17)... Mas o leproso era como um morto e como tal era excluído do acampamento (Lev. 13:46; Num. 5:2-4) ou cidade (2 Reis 7:3), esta lei não era tão rígida pois a irmã de Moisés ficou isenta dela (Num. 12:14-15); e os próprios reis como Usias (2 Cron. 26:21; 2 Reis 15:5) deviam ter se submetido a ela; sendo-lhes ensinados, portanto, com esta exclusão que o que acontecia em figura, deveria acontecer na realidade com cada um que fosse encontrado na morte do pecado."

Para detalhes das cerimônias elaboradas para a purificação de um leproso, veja Levíticos, capítulo 14.

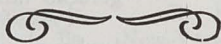
2. *Blasfêmia*. — A essência do grande pecado de blasfêmia não se resume, como muitos supõem, apenas na profanação, mas, como o dr. Kelso, *Standard Bible Dictionary*, sumariza: "Qualquer uso indevido do nome divino (Lev. 24:11) toda expressão derogatória da Majestade de Deus (Mat. 26:65) e pecados cometidos com consciência — isto é, transgressão premeditada dos princípios básicos da teocracia (Num. 9:13; 15:30; Exo. 31:14) — eram considerados blasfêmia; a penalidade era morte por apedrejamento (Lev. 24:16)." O *Smith's Bible Dictionary* afirma: "Blasfêmia, em inglês, significa falar mal de Deus e, neste sentido, é encontrada em Salmos 74:18; Isa. 52:5; Rom. 2:24 etc. Por esta acusação, tanto o Senhor como Estêvão foram condenados à morte pelos judeus. Quando uma pessoa ouvia blasfêmia colocava a mão sobre a cabeça do ofensor, para simbolizar sua inteira responsabilidade da falta e, pondo-se de pé, rasgava seus vestidos, que nunca mais deveriam ser remendados." (Veja Mateus 26:65.)

3. *Publicanos*. — "Palavra que originalmente significava contratador de obras, abastecimento ou cultivador de terras públicas, mais tarde aplicada como denominação dos romanos que compravam do governo o direito de cobrar taxas em determinado território. Esses compradores, sempre nobres (os senadores eram excluídos por motivo de sua posição), tornavam-se capitalistas e formavam poderosas companhias de compra e venda de ações, cujos membros recebiam uma porcentagem do capital investido. Os capitalistas da província não podiam comprar as taxas, que eram vendidas em Roma aos mais altos licitantes, e este para refazer-se arrendava seu território (por um preço bem maior do que haviam pago

ao governo) aos publicanos locais, que, por sua vez, tinham que tirar lucro do dinheiro empregado, e, sendo assessores de propriedades, além de coletores de impostos, tinham inúmeras oportunidades de oprimir o povo, que os odiava, tanto por essa razão como também pelo imposto em si, pois era a marca de sua sujeição a estrangeiros." — J. R. Sterrett, *Standard Bible Dictionary*.

4. *Pescadores de homens*. — "Vinde após mim e Eu vos farei pescadores de homens", disse Jesus aos pescadores que mais tarde se tornaram Seus apóstolos (Mat. 4:19). A versão de Marcos é quase a mesma (1:17), enquanto na de Lucas (5:10) lê-se: "... de agora em diante sereis pescadores de homens." A tradução correta é, como afirmam quase todos os comentaristas, "de agora em diante sereis pescadores de homens vivos." Esta leitura enfatiza o contraste do texto — entre pescar peixes para os matar e ganhar homens para os salvar. Considere nesta conexão a predição do Senhor através de Jeremias (16:16), que para coligar Israel "... vos mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão" etc.

5. *Teus pecados estão perdoados*. — O comentário a seguir de Edersheim (*Life and Times of Jesus the Messiah*, vol. i, pp. 505, 506) sobre o incidente que estamos considerando é instrutivo: "Neste perdão de pecados Ele apresentou a divindade de Sua pessoa e autoridade e provou-as com a milagrosa cura que imediatamente se seguiu. Se houvesse investido a ordem (isto é, se Cristo tivesse primeiro curado o homem e depois dito que seus pecados estavam perdoados) certamente haveria apresentado evidência de Seu poder, mas, não de Sua personalidade divina, nem de Sua autoridade para perdoar pecados; e isto, não os milagres, era o objeto de Seu ensino e missão, do que os milagres não eram senão uma evidência secundária. Portanto, o raciocínio interior dos escribas, que era aberto e conhecido para Ele que lia todos os pensamentos, resultou em algo quase oposto ao que podiam esperar. Certamente nenhuma razão havia para o menosprezo subentendido que percebemos nas palavras que não proferiram, se as lermos: 'Este blasfema'; ou como se acha em outros evangelistas, ou de acórdão com mais correta transcrição feita por eles: 'Por que fala este assim?' No entanto, em seu ponto de vista estavam certos, pois apenas Deus podia perdoar pecados; e esse poder nunca havia sido dado ou delegado ao homem. Mas era ele um mero homem, mesmo como os mais honráveis servos de Deus? Homem, sim, mas 'o Filho do Homem'... Parece fácil dizer: 'Teus pecados estão perdoados'. Mas, para Ele que tinha autoridade para agir assim na terra, não era nem mais fácil nem mais difícil que dizer: 'Levanta-te, toma a tua cama e anda.' Estas palavras, sem dúvida, confirmaram as primeiras e deu-lhe, à vista de todos os homens, uma realidade inquestionável. E este era o pensamento dos escribas, que, aplicado a Cristo, era 'máu' — uma vez que Lhe imputavam blasfêmia — essa atitude deu oportunidade de oferecer evidência real do que haviam impugnado e negado. De nenhuma outra maneira poderia ter atingido seus objetivos, quer com respeito aos milagres, quer com referência a este milagre especial, senão pelos 'maus pensamentos' destes escribas, os quais, milagrosamente revelados, expressaram a possível dúvida interior, e indicaram a maior de todas as dúvidas concernentes ao Cristo. E assim, foi mais uma vez a ira do homem que o exaltou."

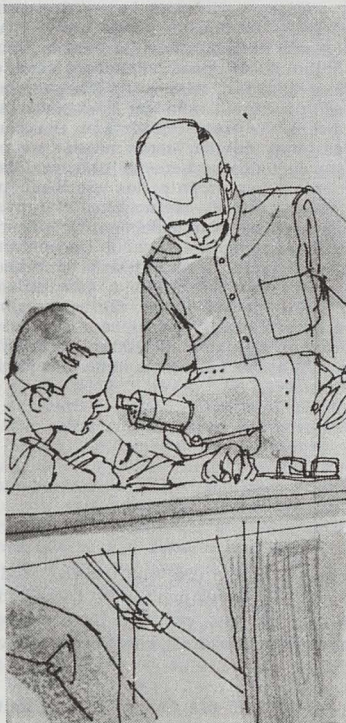
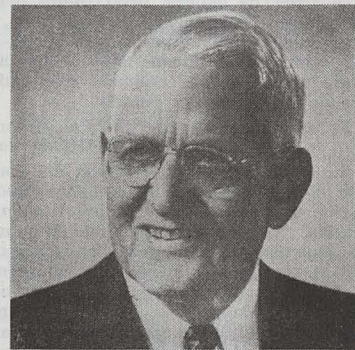
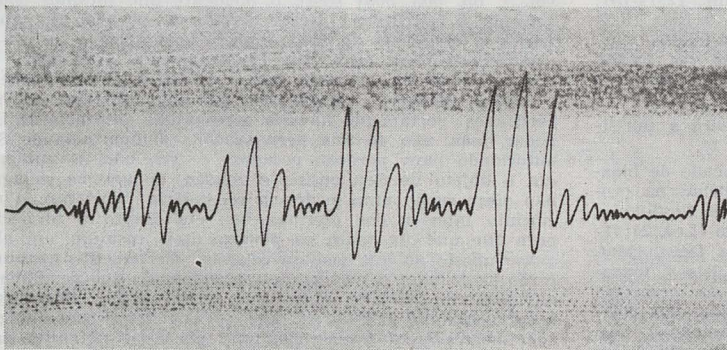
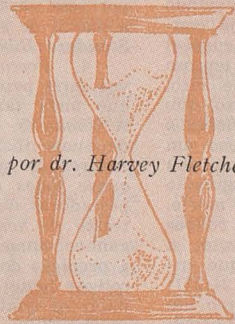


Somos afortunados em saber que há um caminho para a paz, que sozinho produzirá resultados, e que esse caminho é a observância dos mandamentos de Deus como revelados aos homens antigamente e em nossos dias. Se esse caminho fosse seguido, todos os problemas que são tão sérios para o mundo poderiam ser resolvidos, e haveria paz neste mundo infeliz.

Presidente George Albert Smith

# Sacerdócio nas Missões

por dr. Harvey Fletcher



Freqüentemente você ouve falar que estamos vivendo na era do espaço.

Durante meu período de vida vi o aparecimento do telefone, da luz elétrica, do automóvel, do fonógrafo, do avião, rádio e televisão, do poder nuclear, cálculo atômico que levariam uma vida inteira para um homem realizar, e, finalmente, a volta ao mundo em 90 minutos.

Outras descobertas semelhantes se fizeram no campo da biologia e medicina. A varíola e difteria que na minha infância levou tantos de meus amiguinhos, agora não mais são incontroláveis. As infecções que há poucos anos eram fatais, agora são controladas por novos antibióticos — penicilina, estreptomina e outros.

Ao olhar para esses avanços maravilhosos na ciência, você pode concluir que as mais importantes descobertas já foram feitas e que não há muito para a sua geração fazer.

Quando eu era jovem, mais ou menos de sua idade, lembro-me de ter ouvido o presidente da Associação Britânica para o Progresso da Ciência afirmar que todas as importantes descobertas da ciência haviam sido feitas e que as gerações futuras poderiam apenas refinar e aperfeiçoar as coisas já conhecidas. O grande florescimento da ciência desde aquele tempo mostra quão errado mesmo o homem mais sábio pode estar ao predizer o futuro.

Mas você deve perguntar: "Onde todo este avanço nos levou?" E então responder: "Levou-nos a uma guerra nuclear onde centenas e centenas de milhões de pessoas podem morrer."

F  
que l  
mica  
recen  
decidi  
no gr  
certo  
adoles  
7  
sobre  
mente  
ta sob  
desigr  
os qu  
Q  
eu fô  
Esta  
estava  
foram  
saber  
Seus  
I  
"bre o  
"E  
"dade  
"tará;  
M  
possu  
sagen  
incess  
presen  
do sac  
1-2, 7  
S  
maior  
pido  
cionai  
rápido  
rápido  
que es

Há poucos anos atrás falei com um jovem engenheiro que havia trabalhado no desenvolvimento da bomba atômica durante a II Guerra Mundial. Ele havia se casado recentemente e com a aprovação de sua esposa haviam decidido não ter filhos, porque não queriam vê-los sofrer no grande holocausto das bombas nucleares, que estava certo que apareceriam quando seus filhos estivessem na adolescência.

Tem valor lutar quando tôdas essas ameaças estão sôbre nós? Sei que todos êsses pensamentos vieram a sua mente e causaram desencorajamento. E mais uma pergunta soberana. "Onde está Deus para permitir que os maus designios dos homens destruam a terra e seus habitantes, os quais Ele criou?"

Quando tais pensamentos entram em sua mente, *se eu fôsse você*, leria a seção 121 de Doutrina e Convênios. Esta revelação foi dada ao profeta Joseph Smith quando estava na prisão em Liberty, Missouri. Ele e seus amigos foram levados à prisão sem qualquer boa razão e queria saber porque o Senhor havia permitido tal tratamento de Seus servos.

Diz o primeiro versículo:

"Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre o Teu esconderijo?"

"Quanto tempo reterás a tua mão...?"

E o Senhor responde no sétimo e oitavo versículos:

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão por um momento;

"E então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará; tu triunfarás sôbre todos os teus adversários."

Mais adiante segue a forte admoestação a todos os possuidores do sacerdócio, terminando na conhecida passagem: "...que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e como o orvalho dos céus a doutrina do sacerdócio se destilará sôbre a tua alma." (D&C 121: 1-2, 7-8, 45.)

Sim, jovens do sacerdócio, vocês estão vivendo na maior época por que já passou esta terra. O passo é rápido no campo científico, no campo das relações internacionais, na formação de novas nações e muitos outros. O rápido crescimento da Igreja é uma outra evidência dêste rápido passo. Qual será o seu passo no grande trabalho que está à sua frente?

É meu testemunho que todos vocês foram ordenados para uma certa missão na terra. Mas será que vocês a encontrarão? Deus deu-lhes a liberdade para escolher. Os homens, como os rios tornam-se tortuosos por seguirem a linha de menor resistência.

Aproximadamente no primeiro terço de seu período de vida pode ser proficuamente gasto na preparação para o trabalho de sua vida. Não seja impaciente, mas aprenda durante êste período porque será uma das partes mais felizes. *Se eu fôsse você*, começaria hoje a preparar com maior vigor que antes.

O Profeta Lehi fez uma afirmação do propósito da vida: "...os homens existem para que tenham alegria".

Os sábios de tôdas as épocas assim como os profetas têm-nos dito que essa alegria resulta do serviço ao próximo. Jesus pôs essa idéia em moda: "O maior dentre vós seja vosso servo." (Mateus 23:11.)

*Se eu fôsse você*, procuraria conhecer meus talentos. O que voce pode fazer com mais facilidade e melhor? Em quais assuntos você obtém melhores notas; em que jogos se destaca?

Pergunte a seus professôres e observadores quais as coisas êles acham que você faz melhor. Então, quando descobrir seus talentos, trabalhe neles diligentemente para desenvolvê-los e aperfeiçoá-los.

Ao desenvolver seus talentos, você descobrirá uma missão e se tornará servo da humanidade. Realizando êste serviço, você terá maior alegria e satisfação. E aqueles a quem êste serviço fôr dado se erguerão e o chamarão de abençoado.

#### Nota biográfica

Dr. Harvey Fletcher, antigo presidente da Estaca de New York é formado pela Universidade de Brigham Young e Universidade de Chicago. Tem ainda graus honorários da Universidade de Columbia, Kenyon College, Instituto Stevens, Case Institute of Technology, Universidade de Utah e Brigham Young. Ex-diretor de Pesquisa da Bell Telephone Laboratories, é um dos pais do rádio, televisão e estereofônico. O primeiro mórmon a ser nomeado para a National Academy of Science. Ele e Thomas A. Edison são os únicos dois membros honorários da American Acoustical Society, que foi fundada por Edison. Atualmente o dr. Fletcher é professor de Física na BYU.

# R E F L E X O S

Na manhã calma e lavada de sol, as águas tranqüilas de um lago refletem os altos pinheiros da margem e o céu enfeitado de brancas nuvens esparsas. O reflexo é tão perfeito que a gente chega a se confundir, sem saber se a fotografia está na posição correta ou se foi colocada de cabeça para baixo. É interessante como o espelho das águas é capaz de trazer para tão perto de nós a imagem do céu e reproduzir com tanta exatidão a figura esbelta das árvores ao redor.

A contemplação do quadro leva-nos a pensar em outros reflexos que encontramos pela vida a fora. Parece mesmo que tudo neste mundo é, de um modo ou de outro, reflexo de outras coisas existentes ao redor: os filhos refletem a personalidade dos pais, os membros da Igreja imitam a fidelidade dos líderes, os alunos copiam as qualidades (e os defeitos) dos seus mestres e assim por diante.

Deve ser por isso que se costuma dizer (certamente com boa dose de exagero) que "O homem é um produto do meio", significando que a personalidade do indivíduo não é mais que a soma dos "reflexos" colhidos ao redor e entesourados através dos anos. Embora a afirmação não seja verdadeira em toda a sua extensão, poucos discutiriam a importância da influência do meio na formação do caráter das pessoas.

Nem mesmo nós somos capazes de aquilatar, muitas vezes, quanto podemos fazer como pais, professores, amigos ou líderes na Igreja para a transformação das vidas que estão sob nossa influência. Em muitos casos vamos encontrar reflexos de nossa atuação manifestando-se anos e anos mais tarde e, muitas vezes, até depois da morte do indivíduo, sua influência continua a se refletir nas vidas dos que o conheceram, ouviram suas palavras ou leram seus escritos. Por causa dessa influência recíproca tão intensamente verificada em todas as instâncias da vida, é que devemos ser prudentes e meditar bastante nos reflexos que espalhamos ao redor e nos reflexos alheios que estampamos em nossa própria personalidade.

Quando Moisés desceu do monte, após receber as revelações do Senhor e conviver com ele por dias e dias, seu rosto refletia a glória de Deus, e foi necessário cobri-lo com um véu para não ofuscar os filhos de Israel (Ex. 34:29-35). Séculos mais tarde, quando Pedro e João enfrentaram os membros do Sinédrio e falaram com intrepidez e sabedoria incomuns, aqueles homens tiveram de reconhecer imediatamente que eles "tinham estado com Jesus" (Atos 4:13). Por que? Algo da personalidade do Mestre refletia-se em sua sua maneira de agir.

O apóstolo Paulo, de tal forma se apegou ao Salvador e as qualidades do caráter do Senhor se refletiam tão perfeitamente em sua vida, que ele próprio, analisando o que tinha sido e feito o violento Saulo de antigamente, e o que agora sentia e fazia o novo Paulo nascido da água e do Espírito, negou-se a si próprio e declarou: "Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim." (Gen. 2:20)

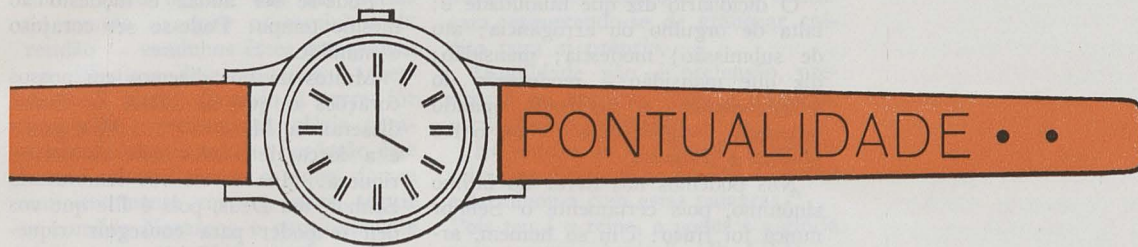
Se, entretanto, reconhecemos a enorme influência do convívio, por outro lado, não podemos deixar de afirmar que depende principalmente de nós mesmos o que havemos de ser. Diz o ditado: "Chega-te aos bons e serás um deles." Se escolhemos criteriosamente os nossos companheiros, os nossos alvos e os nossos heróis, entre os que mais se destacam por sua nobreza; se procurarmos o convívio com os homens de Deus e com o próprio Senhor Jesus, então nos tornaremos igualmente nobres e grandes refletindo na vida, a vida do Mestre.

Queiramos ou não, sempre projetaremos nosso reflexo sobre aqueles que nos rodeiam, seja para o bem ou para o mal. Por isso, é tão importante cuidarmos de produzir uma influência nobre e nobilitante.

Olhe agora, mais uma vez, para a fotografia de nossa capa. Veja a fidelidade do reflexo, a beleza da paisagem e pense: Que reflexo tenho buscado reproduzir em minha vida? Que heróis admiro e imito? Com que fidelidade tenho conseguido refletir em mim o que admiro nos outros? E lembre-se de que você é também, ao mesmo tempo, o herói e o exemplo que se reflete na vida de alguém, ainda que muitas vezes não o perceba.

E se todos ao meu redor refletissem em suas vidas os traços mais marcantes da minha própria personalidade, que espécie de mundo seria este? Melhor ou pior? Que cada um de nós responda para si próprio e diante de Deus a esta pergunta.

Do  
para  
nutos  
me se  
recia-  
congr  
olhar,  
vonta  
acusa-  
cia, e  
eu es  
A  
um te  
momé  
a can  
teria  
começ  
mais  
barbe  
toadu  
semp  
Nã  
me a  
a terc  
se toi  
Sei  
dez r  
pois j  
verên  
rado  
a sat  
quand  
dar n  
lugar  
sinta  
gíria,  
Sacra



por LAWRENCE R. GILES

Domingo à noite eu me atrasei para ir à Igreja. Foi só alguns minutos, tinha uma boa desculpa, mas me senti terrivelmente culpado. Parecia-me que tôdas as pessoas da congregação se voltavam para me olhar, ou pelo menos pareciam ter vontade. Sem dúvida, a principal acusação era minha própria consciência, e não sei se alguém notou, mas eu estava muito constrangido.

A desculpa que eu tinha era que um telefonema me prendeu no último momento — mas eu já devia estar a caminho quando o telefone tocou e teria chegado em tempo. Se tivesse começado a me aprontar um pouco mais cedo, não teria me cortado ao barbear, não teria perdido a abotoadura embaixo da cama. A pressa sempre toma tempo.

Não foi essa a primeira vez que me atrasei para ir à Igreja; já era a terceira vez neste mês. “Talvez isso se torne um hábito”, pensei.

Sei como é bom chegar cinco ou dez minutos mais cedo às reuniões, pois posso entrar na capela com reverência. Não gosto de ser empurrado no meio da confusão, ou perder a saudação do presidente do ramo, quando entro; ou ver as pessoas mudar nos bancos para me arrumar um lugar. Talvez seja por isso que me sinta “chateado”, como se diz na gíria, ao chegar tarde na Reunião Sacramental.

Eu ainda estava humilhado quando me deitei à noite, rolava na cama, recordando o que não havia feito, como por exemplo a visita de Mestre Visitante do mês. E também outras coisas que tinha deixado para trás. Também pensei no mérito da pontualidade e no pecado da falta de pontualidade. Você gostaria de saber algumas conclusões a que cheguei?

O tempo é um talento dado ao homem e deve ser seu companheiro e servo. Se não for usado sãbiamente, será desperdiçado. Deve o homem tornar-se seu escravo? O tempo é precioso apenas para aqueles que conhecem seu valor; aprender a usá-lo é uma das grandes lições da vida.

Perder o próprio tempo é prejudicial, mas perder o tempo dos outros é uma ofensa. Atrasar-se para uma reunião não é tão importante, mas perturbar a audiência, os que presidem, o orador e os outros participantes, é perturbar o espírito da reunião. Convém lembrar que devemos ser exemplos em qualquer lugar: em família, entre amigos, na aula da Escola Dominical, com as pessoas de fora. Qualquer reunião que assistimos é um compromisso que deve ser honrado. Horace Mann, o grande educador americano, disse: “Infidelidade no cumprimento de um compromisso é um ato de desonestidade. Seria a mesma coisa que roubar o dinheiro de alguém.”

Chegar tarde à uma reunião da Sociedade de Socorro, é falta de pontualidade. Existe tantos méritos em chegar cedo, mas ainda assim muitos de nós continuamos perturbando nossos supervisores ou presidentes de ramo, chegando atrasados.

Outra maneira de ser impontual é retardar os preparativos de uma lição. A experiência mostra que os professores e oradores devem-se preparar previamente, dando assim valor, ordem e colorido ao assunto. É o professor fiel a si mesmo, à sua classe, seu chamado, quando desnecessariamente deixa a preparação da aula para o último minuto? Feliz é aquele que se prepara anteriormente para enfrentar a congregação, sentindo que, quando chegar sua vez, será digno de receber inspiração.

Relatórios atrasados são pesadêlos para os secretários e atrasam outros relatórios. Não é muito melhor ser cumprimento por ser sempre pontual, do que ser apontado como “sempre atrasado”?

Com estes pensamentos em minha mente, cheguei à conclusão que aquele que habitualmente se atrasa, é um escravo do tempo e talvez de muitas outras coisas. Decidi fazer minha visita no dia seguinte, entregar meu relatório no dia, preparar minhas lições com antecedência e nunca mais me atrasar desnecessariamente para uma reunião ou compromisso.

O dicionário diz que humildade é: falta de orgulho ou arrogância; ato de submissão; modéstia; mansidão; diz que mansidão é moderação do temperamento; é paciência quando injuriado; longanimidade e em outro sentido é fraqueza.

Nós podemos nos livrar do último sinônimo, pois certamente o Senhor nunca foi fraco: Um só homem, armado unicamente com um chicote, enxotou os mercadores do templo. Enfrentado pelos réprobos, que apresentaram a adúltera para ser apedrejada, Ele os pôs a correr.

Censurou os milhares de habitantes de Corazin, Betsaida e Cafarnaum, sem ao menos um guarda para protegê-lo. Quase só entre acusadores, Ele os repreendeu e os condenou.

Pode-se ser audaz e modesto ao mesmo tempo. Pode-se ser corajoso e humilde.

Muitos de nós dizemos em nossos corações o que os filhos de Israel disseram a Moisés: "... Meu poder e a força de minha mão deram-me riqueza. Mas deveis vos lembrar do Senhor, teu Deus, pois é Ele que vos deu o poder para conseguir riquezas... (Deut. 8:17-18)

Nós dizemos: "Meu cérebro é responsável por esta invenção; de meu talento vem esta grande sabedoria; é minha força que leva esta carga".

Ele disse em suas Beatitudes: "Bemaventurados os mansos, pois eles herdarão a terra." (Mateus 5:5)

Ele estava dizendo que somente aqueles que são suficientemente hu-

mil  
do  
reti  
ser  
dar  
ren  
disi  
astr  
sufi  
o h  
enf  
sob  
mar  
S  
so  
hun  
Ele  
mal  
enf  
pro

## H U M I L



ÉLDER SPENCER W. KIMBALL,  
do Conselho dos Doze

mildes para desistir das vãs glórias do mundo e seguir os caminhos da retidão — caminhos esses que podem ser difíceis e desacreditados — herdarão a terra. Quando a terra for renovada e receber sua glória paradisíaca, somente aqueles herdarão este astro celestializado; os que foram suficientemente mansos para seguir o humilde Nazareno e corajosamente enfrentar os problemas da vida e sobrepujá-los. “Bemaventurados os mansos”.

Se o Senhor foi tão manso, submisso e humilde, então, para se tornar humilde, o indivíduo deve fazer o que Ele fez, denunciando corajosamente o mal, desenvolvendo obras de retidão, enfrentando com habilidade todos os problemas, tornando-se mestre em si

mesmo e das situações que o rodeavam, esquecendo-se de grangear crédito para si próprio.

Humildade não é pretensão, presunção ou orgulho. Não é fraqueza, vacilação ou submissão.

Na oração do Pai Nosso, o Senhor a iniciou dirigindo-se ao Pai Celestial e terminou-a com estas palavras “... Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém”. (Ib. 6:13)

A humildade e a mansidão dão idéia de virtude e não de fraqueza. Sugerem uma constante moderação do temperamento, ausência de cólera e de paixão. A humildade não sugere afetação ou ações pretenciosas. Não é obscura, nem grandiloquente. Não é submissão abjeta. Não é covarde nem medrosa. Nenhuma sombra ou

## L D A D E



balançar de fôlha consegue realmente a aterrorizar.

Como se consegue a humildade? Para mim, é preciso lembrar-se constantemente de nossa dependência. Dependência de quem? Do Senhor. Como ser lembrado? Através de oração real, constante e de adoração.

Como posso permanecer humilde?, um brilhante missionário pergunta. Lembrando-se constantemente de suas próprias fraquezas e limitações, não até ao ponto de se depreciar, mas com uma avaliação orientada por um desejo honesto de dar crédito onde se faz necessário.

A humildade é capacidade de ensinar — é habilidade de compreender que tôdas as virtudes e habilidades não se concentram tôdas num só ser.

A humildade é graciosa, sublime, serena — não é pomposa, espetacular ou teatral. É submissa, gentil e compreensiva — não é tôsca, clamorosa, gritante ou feia. Humildade não é sômente ser um homem ou uma mulher, mas um perfeito cavalheiro e uma perfeita dama. Não é gabolice nem arrogância. Sua fidelidade e obras serão o emblema de sua própria realização. Ela nunca se senta no centro do palco, deixando os papéis secundários para os outros. A humildade não é acusadora ou contendora. Não é jactanciosa, porque quando nos tornamos côscios de nossa grande humildade, já a teremos perdido. Quando começamos a nos gabar de nossa humildade, nos tornamos orgulhoso, e esta atitude é a antítese da humildade.

A humildade conduz ao arrependimento e procura não justificar as tolices. É perdoar aos outros, no sentido de que pode haver êrros do mesmo tipo, ou maiores que não podem ser esquecidos.

A humildade não procura conquistar popularidade ou notoriedade; não pede honrarias.

A humildade não é falsa modéstia ou adulação. É dar valor justo às coisas, não se importar com lucros extravagantes, nem expor em liquidação como pechincha.

Não é rebaixar-se — esconder-se em um canto, desvalorizar tudo que alguém faz, pensa ou diz; mas é fazer sempre o melhor em todos os casos, deixando cada ato, expressão e realizações falarem por si mesmos. Não é a venda de dignidade e honra por dinheiro e nem é vingança.

O pavão não dá evidências de humildade, nem é o pombo humilde quando tenta chamar a atenção dos companheiros.

Freqüentemente, quando se chama certos homens para cargos elevados em estacas, missões ou ramos, os mesmos respondem que desejam servir, mas sentem-se incapacitados. Geralmente dizemos que estamos felizes por se sentirem incapacitados. Isso significa que você será humilde e que fará todo o possível para ser capaz. Você se voltará ao Senhor, que é a fonte de poder e fôrça. “Que satisfação sentimos ao voltarmos ao Senhor pedindo sua bênção para nossos esforços, quando podemos dizer honestamente a Deus que já fizemos tudo o que poderíamos ter feito em preparação.

A humildade tem a capacidade de avaliar o elogio verdadeiro, aplaudi-lo e guardá-lo. O que fôr adulação, afetação ou falta de sinceridade, é atirado ao lixo. O que fôr exagerado, deve voltar à condição normal. O que fôr apropriado, deve ser aceito serena e graciosamente, para ser esquecido logo e ser usado como estímulo para empreendimentos futuros.

Eu vi a Humildade, uma vez, quando ela foi batizada com um simples vestido branco, sem ornamentos ou maquiagem, sem pompa e sem chamar a atenção, ainda que ela e o marido fôssem imensamente ricos. Ela não pediu nenhum favor especial. Foi imersa na água, muito embora suas roupas se colariam ao corpo, seus cabelos ficariam escorridos, pois conhecia a necessidade do evangelho, do Senhor e de seu povo. Ela estava numa balsa, no meio do oceano, sem remos, velas ou motor, como um cego andando às escuras em lugares desertos.

Eu vi a Humildade receber o Sacerdôcio Aarônico, muito embora fôsse um homem de negócio, de muita influência, alto, bonito, bem sucedido e proeminente. Ele caminhou com os diáconos de doze anos de idade, para distribuir o sacramento, radiante com esta nova oportunidade, compreendendo que não importa onde servimos, mas como servimos, que significa o grande teste de grandeza. Eu o vi de branco, mais tarde, no templo.

Eu vi a Humildade cantando no côro. Era cantora profissional, mas cantava agora no côro do ramo, agradecida pela oportunidade. Ouvei seu sublime testemunho depois da bênção,

quando foi miraculosamente curada. Havia uma nova luz em seus olhos, enquanto ela agradecia ao Senhor pelo seu restabelecimento. E me lembro o que o Senhor disse:

“Em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa sua ira, a não ser àqueles que não confessam a Sua mão em tôdas as coisas, e não obedecem os seus mandamentos.” (D&C 59:21)

Novamente eu vi a Humildade. Era jovem e robusta. O grupo sugeriu brincadeiras não idôneas, que estavam abaixo da dignidade dos homens. Eu o vi discutir com o grupo seus planos impróprios, voltando à atividade sadia.

Novamente vi a Humildade. Ela era atraente e popular. Sua maquiagem era sóbria; suas roupas não eram exageradas; seu penteado razoável; seu sorriso irresistível. Nada era barato ou de mau gôsto nela.

O Salvador conhecia a vida, conhecia os homens e suas fraquezas, baseado na natureza carnal do homem. Aparentemente, não podia tolerar a falsidade, fingimento e hipocrisia. Ele castigou os hipócritas:

“Ai de vós escribas e fariseus hipócritas. Pois que devorais as casas das viúvas, sob pretextos de longas orações...” (Mat. 23:14)

Os lábios podem falar palavras doces enquanto os corações estão cheios de negrume e imundície; êstes homens poderiam pagar os dízimos e dar presentes para se mostrarem, orar nas esquinas fingindo humildade, enquanto estavam engomados com orgulho. Êstes condutores cegos eram proverbiais em coar mosquitos e engolir camelos. (Veja Mat. 23:23-24) Sua comparação com o túmulo é gráfica: Seus sepulcros são caiados por fora, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e tôda imundície. Sobre êstes, Cristo disse:

“Assim também vós interiormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estão cheios de hipocrisia e iniquidade.” (Mat. 23:28)

Embora êstes acontecimentos fôssem espetaculares, o Senhor não permitiu demonstrações. Quando Ele curou o leproso, mandou-o embora e disse: “não digas a ninguém, mas vai...” (Ib. 8:4)

Quando ressuscitou a filha de Jairo, Êle o fez na intimidade do quarto da doente apenas na presença dos pais, Pedro, Tiago e João, deixando os pranteadores e a massa do povo do



lado de fora. Então, "...mandou-lhes expressamente que ninguém soubesse..." (Marcos 5:43)

E na maioria destas curas, parecia dar mais crédito à sua própria fé do que a seu grande poder, como fez no caso da mulher que tocou em suas vestes e foi curada de sua doença de há doze anos. "Tende bom ânimo, filha, a tua fé te salvou; vai em paz." (Lucas 8:48)

Parece que o Senhor chama o fraco para servir em altos cargos. Moisés foi assim. Embora treinado em cortes reais, ainda tinha restrições e era ciente delas.

"Quem sou eu que vá a faraó..." (Ex. 3:11)

"...Eu não sou eloqüente... pois sou pesado de boca e pesado de língua. E disse-lhe o Senhor: Quem fez a boca do homem? ou quem fez o mudo ou o surdo ou o que vê ou o cego? Não sou Eu o Senhor? (Ib. 4:10-11)

"...Não é Aarão, o levita, teu irmão?..." (Ib. 4:14)

"...E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca e tu lhe serás por Deus..." (Ib. 4:16)

"Como posso reter a humildade?" pergunta-se. Mesmo Moisés, como muitos de nós, parecia deixar seu disfarce de humildade parecer fino e

surrado. Os nômades vieram ao deserto de Zim.

"E não havia água para a congregação: E o povo se congregou contra Moisés..."

"E por que trouxestes a congregação do Senhor a êste deserto, para que morresse ali, nós e os nossos animais?"

"...lugar não de semente, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem d'água para beber" (Num. 2:5)

Mas Moisés, irritado até ao limite da capacidade humana, esqueceu-se de si e disse-lhes:

"...Ouvi agora, rebeldes, porventura tiraremos água desta rocha para vós?" (Ib. 20:10)

O Senhor estava descontente com a maneira de Moisés realizar o milagre. Posso imaginar o Senhor dizendo alguma coisa parecida com isto: "Você disse Quem? Quem fez a água? Quem fez a rocha? Moisés! Quem fez a água sair da rocha?" E Ele disse:

"...Porquanto não me crestes a mim, para me santificar diante dos filhos de Israel, por isso não metereis esta congregação na terra que lhes tenho dado." (Ib. 20-12)

Moisés, êsse foi um dia triste! Você fez um trabalho tão grande, ao tirar o povo do Egito, foi muitas vezes tão paciente, com seus capri-

chos e antagonismos. Ó Moisés, porque você deixou sua humildade deteriorar? Uma vez você se chamou "...mui manso, mais que todos os homens da terra." (Ib. 12:3)

O apóstolo Tiago certa vez disse: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da Igreja e orem sobre ele, unguindo-o com azeite em nome do Senhor. E a oração da Fé salvará o doente e o Senhor o levantará." (Tiago 5:14-15)

Quando o doente, através de uma bênção dos élderes se curar e, especialmente se isso fôr milagre, há a tentação de o élder que deu a bênção contar o que aconteceu, gabando-se disso. Sua humildade seria protegida, se ele sempre, na oração, ou de qualquer outra maneira, aconselhasse o que está recebendo a bênção a não mencionar os nomes daqueles que a deram, mas dar ao Senhor todo o louvor, honra e glória.

Ocasionalmente ouvimos alguém se gabar, dizendo: "Eu tenho o dom de cura". Que coisa perigosa de se dizer. Eu teria medo que o Senhor me ouvisse e me reprovasse como fez com Moisés, ou que me tirasse qualquer dom que tivesse.

Algumas vezes os missionários se gabam do número de batismos que realizam. É o Espírito Santo que con-



vence os homens e lhes presta testemunho da veracidade do evangelho. Os élderes poderiam acertadamente dizer quantos batismos eles fazem na água, pois esse é um ato exclusivamente físico. Mas nunca seria apropriado dizer que foi ele próprio quem converteu a pessoa.

O Rei Saul de Israel, é de alguma maneira igual a nós, modernos, que começamos nossos serviços com grande humildade, mas que a perdemos assim que o trabalho se torna rotineiro. Ele foi chamado por revelação através de Samuel, o profeta, e chamado do estábulo, para governar Israel. Com toda sua modéstia, ele disse ao profeta:

"Porventura não sou da tribo de Benjamin, da mais pequena tribo de Israel e minha família a mais pequena da tribo de Benjamin? Porque, pois, me falas com semelhantes palavras?" (I Sam. 9:21)

"E o profeta o cumprimentou com um beijo, ungiu-o e o colocou como rei de Israel, e prometeu que o Espírito do Senhor estaria com ele, e que ele profetizaria e... "te mudarás em outro homem... porque Deus é contigo". (Ib. 10:6:7)

"Sucedeu pois que, virando ele as costas, para deixar Samuel, Deus lhe mudou o coração em outro; e todos aqueles sinais aconteceram naquela mesmo dia.

E chegando eles ao outeiro, eis que um rancho de profetas lhes saiu ao encontro; e o espírito do Senhor se apoderou dele e profetizou no meio deles". (Ib. 10:9-10)

Mas Saul não foi fiel a esta confiança; perdeu sua humildade, realizou ordenanças ilícitas, desobedeceu ao Senhor e tornou-se indigno do grande cargo que ocupava. O Espírito do Senhor deixou Saul. Ele não recebeu mais revelações. A feiticeira de Endor seria agora sua única inspiração.

No Livro de Mórmon, Alma fez a seguinte pergunta:

"Haveis vivido conservando-vos inocentes diante de Deus? Poderíeis dizer dentro de vós mesmos se fósseis chamados pela morte neste momento,

mente?... (Alma 5:27)

que vos haveis humilhado suficiente-  
O profeta Joseph Smith disse-nos em nossa própria dispensação:

"Quando os Doze ou qualquer outra testemunha se levanta perante a congregações da terra, e falam pelo poder e manifestação do Espírito de Deus, e quando o povo está assombrado e confundido pela doutrina, dizem, "Aquêlê homem fêz um poderoso discurso, um grande sermão" espera-se que aquêles homens tomem cuidado para que não fiquem com a glória para si, mas que procurem ser humildes e atribuam o louvor e glória a Deus e ao Cordeiro; pois é pelo poder do Santo Sacerdócio e do Espírito Santo que podem falar. Pois o que sois, ó homens, senão pó? E de quem recebestes vós o poder e bênçãos, senão de Deus? (DHC 3:384)

Quem tem o direito de ser presunçoso e vaidoso de seus próprios poderes, realizações ou talentos? Deus nos deu a respiração, a vida, nossos talentos, nossos cérebros, nossas capacidades.

Não só o missionário, mas todos nós precisamos de humildade e mansidão. Precisamos estar bem perto do Senhor, reconhecer seu grande amor por nós e seus dons a nós conferidos. Se pudermos nos tornar grandes, exercer posição elevada, ser notavelmente estimados, receber elogios e, ainda assim, permanecer humildes, venceremos a prova.

Podemos então dizer que:

Humildade é realeza sem coroa,

grandeza em roupas simples,

Cultura sem ostentação

Riqueza sem exibição

Poder sem cetro ou força

Posição que não pede direitos especiais

Grandeza sem distinção

Orações em silêncio e não em esquinhas

Jejum em segredo, sem publicação

Coragem sem rótulo

Orações de joelhos,

Divindade simples.

Que todos possamos ser mansos e humildes como o Senhor.

Os milagres, ou manifestações extraordinárias do poder de Deus, não são para os descrentes; são para consolar os santos e fortalecer e confirmar a fé daqueles que amam, temem e servem a Deus e não para os profanos.

*Presidente Brigham Young*

## MEU TESTEMUNHO

Em novembro de 1959 fui visitada pela primeira vez por missionários mórmons. Eu nunca ouvira falar antes em "mórmons" e, como era de opinião que todas as Igrejas das quais já escutara ou lera não estavam em concordância com os ensinamentos de Cristo, tive a curiosidade de ouvir sobre aquela nova religião.

Certamente, desde o começo fui influenciada pelo dom do Espírito Santo, porque senti uma convicção de que se abria diante de mim um caminho novo e diferente. Esse caminho era, ao mesmo tempo, cheio de luz e espinhos: havia luz porque era a palavra de Deus e espinhos pela oposição absoluta de minha família. Pela primeira vez obstáculos e, no dia 17 de janeiro de 1960, recebi o batismo verdadeiro. Foi a maior bênção que recebi até aquela data e, desde então, tenho recebido muitas outras. Entre elas, a oportunidade que tive de trabalhar como missionária durante o ano de 1961. Confesso que não queria aceitar o chamado para realizar missão, mas digo agora que foi para mim um grande privilégio pregar o Evangelho a este povo irmão e poder compartilhar com meus semelhantes as dores e alegrias cotidianas. Foi uma grande experiência poder ajudar ao meu próximo de uma maneira humilde e efetiva e cumprindo todos os mandamentos de Deus, nós podemos alcançar as maiores bênçãos e obter felicidade.

Infelizmente estou numa escola rural agora, trabalhando, e não posso ser ativa como desejaria. Mas sempre estou em contato com a Igreja e seus líderes, e falo do Evangelho às crianças de minha escola, as quais ouvem com muita atenção. Nunca deixo de ler os livros sagrados e meu testemunho aumenta sempre mais.

Agradeço ao meu Pai Celestial pelo privilégio que tenho de pertencer a esta Igreja e pelos grandes líderes que temos atualmente. Agradeço também pelo trabalho missionário que se está realizando no Brasil, através do qual recebi a luz do Evangelho e sou hoje membro da Igreja.

*ELOISA AMORIM*  
Lages — Sta. Catarina

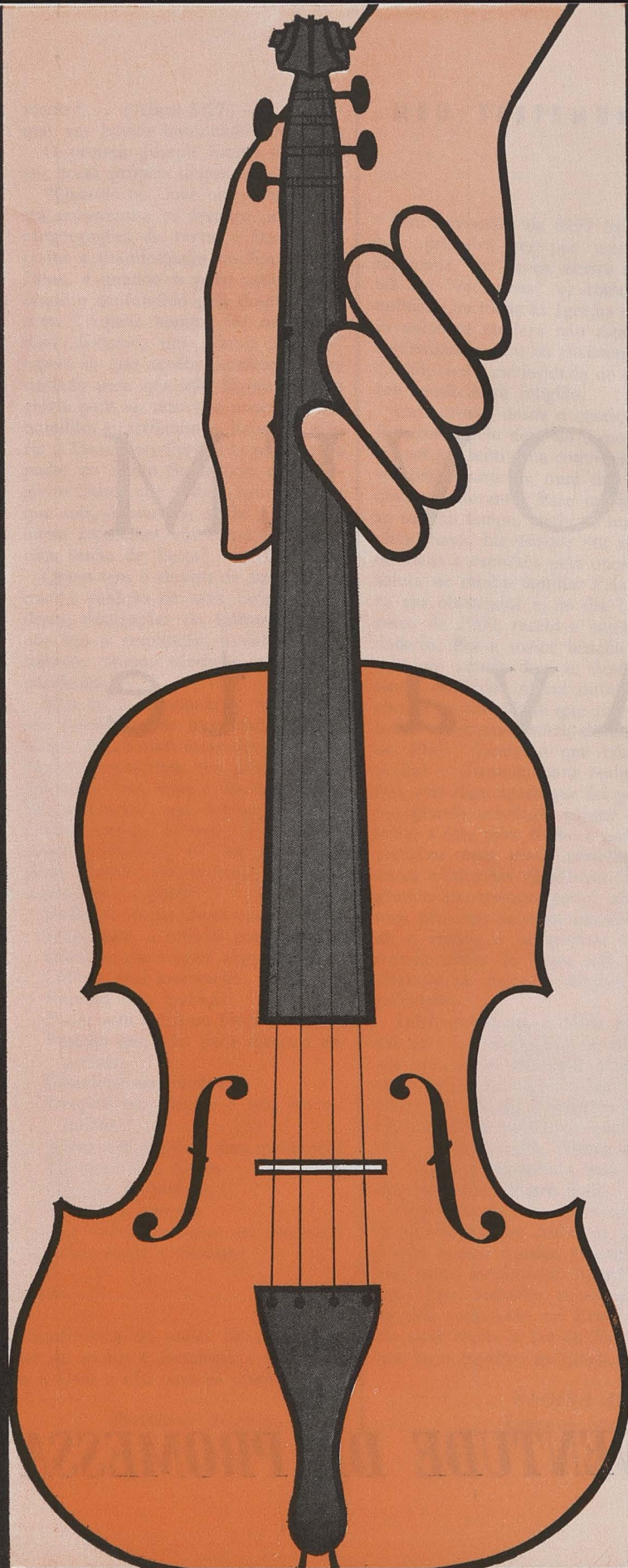
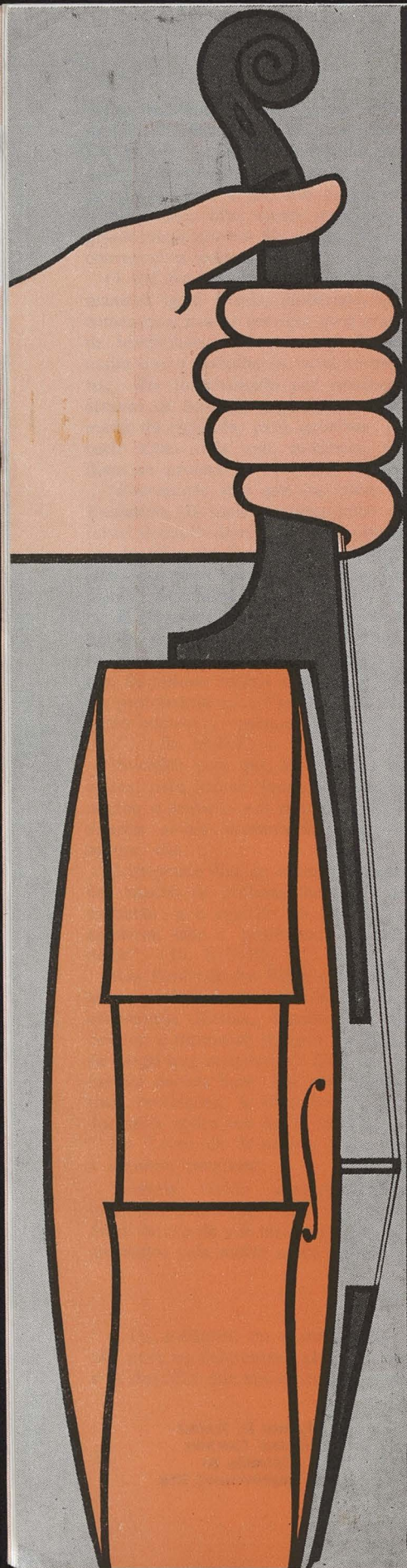
A LIAHONA

# JOVEM Avante



**JUVENTUDE DA PROMESSA**

MARION D. HAUKS  
ELAINE CANNON  
Extraído de  
The Improvement Era



# JOVEM

## use seus dons

*Percy K. Fetzer*

Nossa apreciação do evangelho de Jesus Cristo depende, muitas vezes, do nosso contato com aqueles que professam amor e devoção por seus princípios.

Para ilustrar mais claramente esta afirmativa, relembramos uma estória de um leilão. O leiloeiro mostrou um velho violino, enalteceu suas virtudes e, então, lançou o preço inicial sobre uma pessoa obviamente humilde. Não havia interesse na apreçoção do leiloeiro pelo velho violino e, apesar do preço reduzido, não apareceu nenhum interessado.

Então, um homem idoso se apresentou e pediu permissão para tocar o instrumento. Seu desejo foi atendido. Ele afinou as cordas e com destreza e jeito de quem amava o velho violino, extasiou os ouvintes com sons extraordinários e inspirados.

A música cessou, mas a admiração continuou. O leiloeiro mostrou o violino novamente. Foi com quase reverência que o preço oferecido indicou a troca de posições entre a audiência. O violino foi vendido a uma respeitável figura.

O senhor idoso não tinha trocado as características do violino entre o primeiro e o último lance. Magistralmente, demonstrou o potencial do instrumento. Era o mesmo violino, mas ele elevou o seu conceito no coração dos ouvintes.

Da mesma maneira, o evangelho do Filho de Deus não tem tantos interessados porque não tem sido demonstrado favoravelmente por aqueles que professam possuí-lo e mantê-lo como herança.

Como membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tem sido colocado em nossas mãos, instrumentos sagrados, os quais possuem valores eternos. Muito depende de como usá-los, diante daqueles que são postos dentro da área de nossa confiança.

Como posso usar, mais convincentemente, os sagrados instrumentos do evangelho, para que seu valor seja melhor apreciado pelos outros?



1. Siga todos os mandamentos o melhor possível.
2. Evite sempre a aparência do mal.
3. Deixe sua luz brilhar diante dos outros.
4. Conte suas bênçãos como o resultado de ser um membro da igreja.
5. Esforce-se por um mais completo conhecimento do evangelho verdadeiro.
6. Ore para ser guiado a trazer outras pessoas para a igreja.
7. Faça aos outros o que gostaria que lhe fôsse feito.
8. Aceite oportunidades de servir, apoiar e desenvolver talentos para fazer o bem.

# JOVEM

# tenha metas

*Betsy Huntington*

Ensinar, para mim, é mais do que simples ou objetivo, apesar de ambos serem a mesma coisa. Eu realmente não sei porque quero ser professora. É algo profundo dentro de mim.

Penso que isto sempre esteve comigo, em algum lugar, durante toda a minha vida, mas subitamente constatei que estava crescendo. Não há nada que eu deseje mais. Ainda não sei exatamente que matéria lecionarei, mas qualquer que seja ela, eu me interessarei a ensinar aos outros. Nunca penso: "Se eu for professora". Mas penso: "Quando eu for professora".

Sei que tenho sido feliz porque durante toda a minha vida tenho tido os melhores professores. As pessoas que realmente respeito e admiro, quase sempre descubro, são professores. Meus mestres instilaram-me sentimentos pelos quais sempre serei grata. Foram os meus professores que me fizeram entender quão afortunada sou, por viver aqui na América e eles deram-me coisas que, provavelmente, não sabem que deram. Têm sido exemplo para mim, de tudo o que é bom e verdadeiro — e fizeram-me estabelecer objetivos elevados.

Por isso, penso em ser professora. Desejo servir de exemplo a meus alunos e transmitir-lhes tudo que aprendi de meus mestres.

Sempre imagino que ensinar é algo belo e nobre, algo de que se deve ter orgulho. Parece-me que todos os professores pertencem a uma grande família, porque todos eles têm uma coisa em comum: genuíno amor pelas pessoas.

Amo os jovens. Desejo mais do que qualquer outra coisa ajudá-los a serem felizes e bem sucedidos na vida, e penso que posso fazer isso através do ensino. Sei quanta importância tem uma professora durante a vida de um menino.

Sei que não tenho falsa impressão do que seja ensinar e também que ensino cuidadoso requer dedicação. Quanta tristeza tem um professor que ama seu trabalho, quando os estudantes são displicentes. Penso que algumas das frustrações não são imagináveis, mas, mesmo assim, quero ser professora. Nada pode deter-me porque sei que há recompensas e consolações. Ver a luz no rosto de uma criança, ser lembrada, como recordei meus professores — essas são as coisas que realmente importam.

POSSO AMAR A DEUS E TER FÉ NÊLE

Posso fazer o melhor para ser forte e banir o medo, irradiar calma, confiança, permanecer determinado e corajoso.

Mas — como posso aprender a amar a Deus e servi-lo?

“E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar, dizendo, Mestre, qual é o grande mandamento na lei? E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor Teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos, depende toda a lei e os profetas”.

E Marcos junta a Mateus 22:35-40, a sua sentença: “Não há nenhum mandamento maior que estes. (12:31.)

Assim, aprendemos a amar a Deus, servindo-O; e servimo-lo, servindo seus filhos, nossos irmãos.

Somente na demonstração de meu amor por meu irmão posso demonstrar amor a Deus.

POSSO PROCURAR ENTENDER O ARREPENDIMENTO, O MAIOR PRINCÍPIO DE PROGRESSO; e posso começar a me arrepender de meus erros.

Mas do que devo me arrepender? Não cometi nenhum grande pecado!

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas.” (Mateus 23:23.)

Começar agora, a vencer meus pecados e, então, fortalecer-me. Examinar-me bem e, então, avançar, para ter um conceito honesto de mim mesmo.

“Estas seis coisas aborrecem o Senhor, e a sétima a Sua alma abomina: olhos altivos, língua mentirosa, e mãos que deram sangue inocente; coração que maquina pensamentos viciosos, pés que se apressam a correr para o mal; testemunha falsa que profere mentiras, e o que semeia contendas entre irmãos.” (Provérbios 6:16-19.)

POSSO PROCURAR MAIS SINCERAMENTE CONHECER OS MANDAMENTOS DE DEUS E VIVÊ-LOS

Posso encontrar sintonia com Deus, erradicando estática e interferências junto de mim. Posso procurar purificar meu coração, para que minhas preces O alcancem, a fim de que Ele esteja comigo onde quer que eu vá, para que permaneça confiante de Sua presença.

“Na verdade digo que os homens se devem ocupar zelosamente numa boa causa, e fazer muito de sua própria e livre vontade, e realizar muito bem. Pois nêles estão poder para assim fazer, no que são seus próprios árbitros. Se os homens fizerem o bem de modo nenhum deixarão de receber a sua recompensa.” (D & C 58:27, 28)

“Crêde em Deus; acreditai que Ele existe e que criou todas as coisas, tanto no céu, como na terra; acreditai que Ele tem toda a sabedoria e poder, tanto nos céus como na terra; acreditai que o homem não pode entender todas as coisas que o Senhor pode. Além disso, acreditai que vós deveis arrepender de vossos pecados, abandoná-los e humilhar-vos diante de Deus, pedindo com sinceridade de coração que Ele vos perdoe; e agora, se acreditais em todas estas coisas, procurai fazê-las.” (Mosiah 4:9-10.)

Se fizermos estas coisas, então seremos... “esforçados de bom ânimo; não te pases, nem te espantes; porque o Senhor Deus é contigo, onde quer que andares. Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e de moderação”. (2. Timóteo 1:7.)



# Desafio ao JOVEM

*Aceitar o desafio Significa que você:*

*Agirá melhor*

*Portar-se-á melhor*

*Sentir-se-á melhor*

*Pensará melhor*

*Viverá melhor*

*Servirá melhor*

*Será melhor*

## *“Observe êstes Mórmons”*

“Há um século atrás, fundaram um império entre o implacável desolamento de uma negligenciada e desprezada terra. Hoje são pioneiros espirituais de um mundo que perdeu o seu caminho” (Dr. Marcus Bach, Escola da Religião, Universidade Estadual de Iowa).

Esta descrição assenta em você? É você um pioneiro espiritual? Vivendo num mundo de medo e descontentamento, de incertezas e falta de fé, o que pode você fazer para ajudar a si próprio e aos outros a resolver os problemas de nossos dias?

Faça a si mesmo estas perguntas e depois considere a nossa sugestão como resposta.

Há alguma coisa que eu realmente possa fazer para ajudar meu país e o mundo? Há alguma contribuição que eu possa dar?

O que posso fazer? O que devo fazer? Tenho eu a responsabilidade de fazer alguma coisa?

Qual deveria ser nossa atitude diante desta grande responsabilidade?

“Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor e de moderação” (2 Timóteo 1:7.)

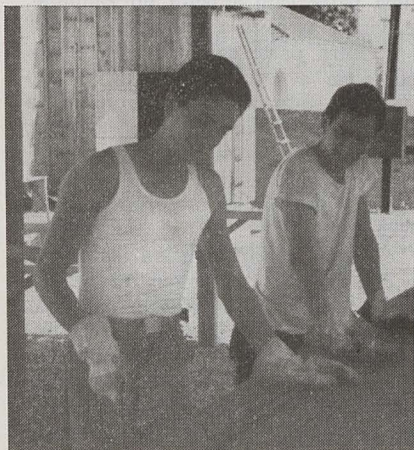
“Esforça-te, e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, onde quer que andares”. (Josué 1:9.)

Assim, como poderei efetuar esta minha grande responsabilidade? Como poderei vencer o medo e merecer esta grande dádiva de Deus — coragem, o espírito de força, amor e lucidez?



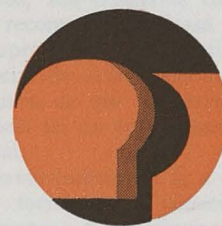
■ No dia 8 de setembro deste mês o Profeta David O. McKay completou seu nonagésimo primeiro aniversário. Nasceu em Huntsville, Utah. Sua vida religiosa é crivada de eventos inspiradores. Teve posições de grandes responsabilidades na Igreja. Foi apoiado Presidente da Igreja em 9 de abril de 1951. Desde que ocupa tal posição tem viajado para diversos países visitando os santos e fazendo dedicações de capelas e templos. Em 1954 esteve no Brasil.

■ É realmente agradável podermos observar o semblante alegre que conservam os nossos construtores. Temos certeza que é essa a mais genuína alegria que pode sentir um ser humano, pois vem do coração e seu motivo é o sentimento do dever cumprido para com o Pai Celestial. Assentando tijolos os construtores pregam a Palavra e testificam o Cristo.



Setembro de 1964

## AS CHAVES DO SACERDÓCIO



### MENSAGEM DOS MESTRES VISITANTES PARA O MÊS DE MAIO

As funções das chaves e a operação do Sacerdócio é um assunto nem sempre compreendido. Há uma diferença entre ter o Sacerdócio e possuir as chaves do Sacerdócio.

O Presidente Joseph F. Smith explica tal diferença:

“O Sacerdócio é a autoridade conferida ao homem para agir em nome de Deus. É autoridade delegada a todo homem ordenado a qualquer grau do Sacerdócio. Mas é necessário que todo ato realizado sob esta autoridade seja feito no tempo e lugar adequados, de maneira correta e segundo a ordem própria. O poder de dirigir estes trabalhos constitui as chaves do Sacerdócio.” (Joseph F. Smith, Gospel Doctrine, 4.<sup>a</sup> edição, p. 168.)

O possuidor das chaves do Sacerdócio tem poder para dirigir o Reino de Deus na terra.

A plenitude dos poderes, as chaves e autoridades do Sacerdócio são possuídas por somente um homem, o Presidente da Igreja. Somente ele possui autoridade para delegar chaves para os oficiais gerais, das missões, das estacas, das alas, dos ramos e dos quoruns da Igreja.

As chaves para dirigir o trabalho missionário e a autoridade para pregar o evangelho no mundo é possuída pelos Doze Apóstolos. Os presidentes de missão e estaca possuem as chaves de autoridade em suas áreas respectivas. Os bispos e presidentes de ramo possuem essas chaves apenas no nível de ramo ou ala e os presidentes de quorum possuem as chaves

que lhes dão autoridade para dirigir apenas o trabalho do quorum.

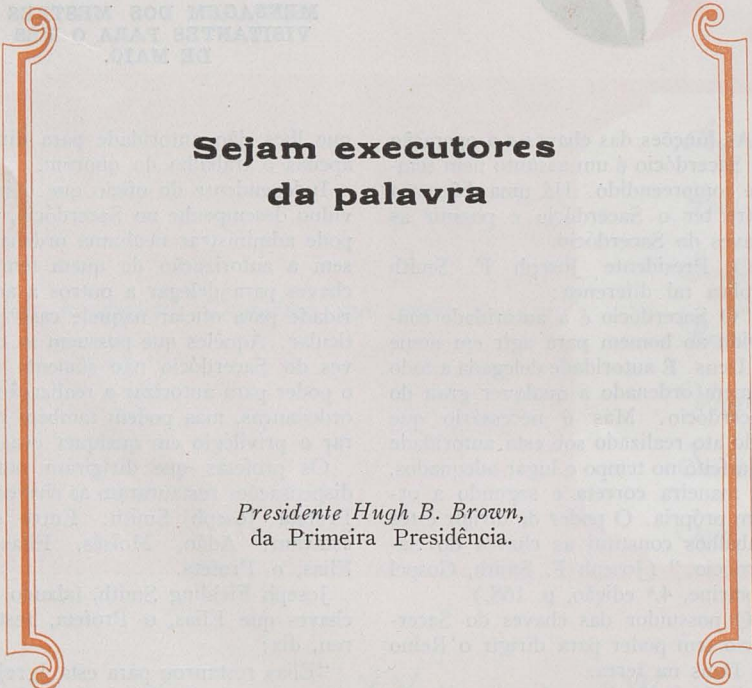
Independente do ofício que o indivíduo desempenhe no Sacerdócio, não pode administrar nenhuma ordenança sem a autorização de quem tem as chaves para delegar a outros a autoridade para officiar naquele caso particular. Aquêles que possuem as chaves do Sacerdócio não somente têm o poder para autorizar a realização de ordenanças, mas podem também retirar o privilégio em qualquer ocasião.

Os profetas que dirigiram outras dispensações restauraram as chaves ao Profeta Joseph Smith. Entre eles estavam: Adão, Moisés, Elias e Elias, o Profeta.

Joseph Fielding Smith, falando das chaves que Elias, o Profeta, restaurou, diz:

“Elias restaurou para esta Igreja e para o mundo as chaves do poder de selamento. Esse poder põe o selo de aprovação em toda ordenança que é realizada nesta Igreja e, mais particularmente, naquelas que são realizadas nos templos do Senhor. (Conf. Rep., abril de 1948, p. 135.)

As ordenanças desta Igreja tiveram sua origem no céu. É animador saber que quando realizadas por pessoas propriamente autorizadas, no tempo e lugar adequados, e de maneira correta, estas ordenanças são seladas na terra e nos céus. Através da operação das chaves do Sacerdócio é dada a aprovação divina, é evitada confusão, e, além disso, eliminado o abuso à autoridade.



## Sejam executores da palavra

*Presidente Hugh B. Brown,  
da Primeira Presidência.*

Gostaria de citar duas bem conhecidas definições de religião, uma do Velho Testamento e outra do Nôvo. Isto pode significar a nota-chave ou prelúdio para esta conferência. Primeiro, do Profeta Miquéias: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e o que é que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a beneficência, e andes humildemente com o teu Deus?” (Miquéias 6:8.)

E o Apóstolo Tiago admoesta: “Tornai-vos, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos”. Mas aquele que considera atentamente na lei perfeita, lei da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte negligente, mas operoso praticante, êsse será bem aventurado no que realizar. Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a sua língua, antes enganando o próprio coração, a sua religião é vã. A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas atribulações, e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo.” (Tiago 1:22, 25-27.)

O agrado com que uma pessoa saboreia uma refeição, depende mais do seu apetite, do que da qualidade e variedade da comida colocada à sua frente, assim, o grau de prazer e assimilação de repouso espiritual depende ou não de estarmos “famintos e sedentos”, conforme citado pelo Salvador, sendo prometida a recompensa de satisfação. O Salvador disse: “Observe, eu estarei à porta e batei; se algum homem ouvir minha voz e abrir a porta eu entrarei e cearei com êle e êle comigo.” (Rev. 3:20.)

Nós bem conhecemos a parábola do semeador, onde “... e ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves a comeram.

“Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém o sol a queimou; e porque não tinha raiz, secou-se.

“Outra parte caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram.

“Outra, enfim, caiu em boa terra, e deu fruto...” (Mateus 13:4-8.)

Explicando o significado da parábola, o Salvador acentuou a responsabilidade de todos aqueles que ouvem a palavra e expressou interesse pela qualidade e profundidade do solo no qual as sementes são plantadas.

Marcos define as sementes como a palavra de Deus: "A todos os que ouvem a palavra do reino, e não a compreendem, vem o maligno e arrebatou o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho.

"O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria.

"Mas não tem raiz em si mesmo, sendo antes de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.

"O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera.

"Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica, e produz a cem, a sessenta e a trinta por um." (Mateus 13:19-23.)

Esta parábola se aplica a todos cuja semente, a palavra de Deus, deverá vir, quer sejam antigos membros da Igreja, ou membros recém-convertidos, ou ainda, investigadores à procura da verdade. Unamos nossas preces para que as sementes da verdade que espalhamos durante esta conferência, germinem em solo fértil e frutifiquem. Paulo disse a alguém para quem pregara o evangelho, que não estava obtendo resultado "... visto não ter sido acompanhado pela fé naqueles que a ouviram." (Hebreus 4:2.)

Verdade é desafio e requer ação, como é evidenciado por outra parábola do Salvador: "Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.

"E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fôra edificada sobre a rocha.

"E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia.

"E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína. (Mateus 7:24-27.)

É de se notar que a chuva caiu e os rios transbordaram e os ventos so-

praram e fustigaram a casa, a qual estava construída sobre a rocha, com a mesma força que a outra.

Esta não escapou à tormenta, mas, tendo base na rocha, resistiu.

Alguns pensam que, sendo membros da Igreja, todas as provações terminam, todas as dificuldades desaparecem e cessam as tentações que poderiam surgir.

Estamos lembrados da jovem noiva, que no dia do seu casamento disse à mãe: "Eu sou a garota mais feliz do mundo. Cheguei ao fim de todos os meus problemas".

E a mãe experiente replicou: "Sim, querida, mas você não sabe qual fim".

Ambas as tormentas, a da natureza e a da vida, são indescritíveis.

Como a casa construída na rocha sobreviveu à tempestade, assim a vida daqueles cujas raízes estão firmemente plantadas no solo da fé resistirão à adversidade e serão mais fortes, pela luta. Como Douglas Malloch disse em verso:

"Madeira boa não nasce à vontade,  
Mais forte o vento, mais forte a [árvore,  
Mais além o céu, maior distância,  
Mais vigorosa a tempestade,  
[maior resistência.  
No sol e frio, na chuva e neve,  
Em árvores ou homens, boa madeira cresce."

Algumas vezes, a derrota serve melhor do que a vitória, para fazer vibrar a alma e exaltar a glória.

Não lamentemos nossa sorte na vida, ou blasfememos diante das dificuldades, perdas ou problemas que nos cercam. É melhor enumerarmos e expressarmos gratidão pelas muitas bênçãos. Há os que passam o ano ou a vida desconsiderando as generosidades que a vida oferece, porque não têm consciência delas.

A consciência da pessoa transforma-se na medida de sua sobrevivência. À nossa volta, vemos a benevolente providência. Por exemplo, qualquer pessoa que reverentemente olhe para o céu estrelado exclama como o Salmista: "Os céus manifestam a glória de Deus; e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. (Salmos 19:1.)

Ao nos tornarmos mais conscientes e admiradores de seu amor e da beleza e sabedoria aparente em todo

o redor, agradecemos ao Senhor pela vida e por suas inúmeras dificuldades e desafios, sua disciplina educativa e sua recompensa. Nossa fé em Deus é aprofundada e mantida pelas experiências da vida e pela convincente evidência de que o universo é governado pela lei do beneficente e onipotente Pai.

Com o desenvolvimento da fé e do conhecimento, tornamo-nos conscientes das nossas fraquezas e deficiências e comprometemo-nos a atingir o nível dos nossos ideais; isto é chamado arrependimento.

Mas se nossa fé é mantida luminosamente pelas nossas obras, seremos tentados a reduzir os ideais ao nível de nossa conduta. Isto é retrocesso.

Nestes nefastos e assustadores tempos, nós necessitamos coragem física, intelectual e moral e permanente fé. Pode parecer trivial dizer que o mundo está exposto a perigos e que estes são tempos de decisões históricas, mas, em todos os níveis de vida, do individual ao familiar, do nacional ao internacional, desafiante situações exigem atenção e difíceis problemas requerem solução. Todos nós enfrentamos um desafio comum e partilhamos uma causa comum.

A ameaça do comunismo é sinistra e o seu perigo é iminente. Centenas de milhares de amigos nossos são implacavelmente imbuídos da satânica ideologia de que a Paternidade de Deus, a Salvação de Cristo e a irmandade do homem são estúpidos mitos, de que a religião é nada mais que um narcótico tranquilizante.

Eles procuram depravar a liberdade física, mental e espiritual do homem, enquanto doam ao estado monstruosa supremacia. Esta destruição inexorável é meramente a continuação da guerra que começou quando o plano de força de Satan foi rejeitado pelo Pai. Nós vivemos no mais perigoso período de toda a história. O sexto capítulo de Efésios nunca foi tão aplicável como hoje: "Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra principados e protestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestiais". (Efésios 6:12.)

A Igreja é o maior baluarte contra o comunismo. O evangelho é a mais eficaz refutação para as suas ímpias ideologias. Isto é uma força espiritual que pode esmagar e ultrapassar

tôdas as barreiras físicas. Certamente, devemos colocar tôda a armadura de Deus, consistindo, como disse Paulo, de verdade, retidão, paz, fé, com o elmo da salvação e a espada do espírito, os quais são a palavra de Deus. Pela nossa fé em um Deus vivente e cheio de força, não devemos receiar o resultado final da nossa luta contra os emissários de Satan, embora devamos estar sempre alerta, unidos e de guarda. Seremos brindados pela maravilhosa visão de João na ilha de Patmos: "Então vi descer do céu um anjo, tendo na mão a chave do abismo e uma grande corrente."

"Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos".

"Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos." (Apoc. 20:1-3.)

Nada exceto o evangelho de amor, o evangelho restaurado de Jesus Cristo, que nós gratamente proclamamos, pode salvar o mundo ou as pessoas dos perigos que nos ameaçam. Este é um evangelho de atividades construtivas. De fé invencível e da coragem nascida da fé; de arrependimento, a porta aberta ao progresso; de santificação através do batismo da água e do Espírito, o caminho para o reino celestial.

Incorajemo-nos com o conhecimento de que Cristo, o Príncipe da Paz, está no leme. Ele declarou que o merecimento das almas é grande no caminho de Deus; tão grande que Ele deu Seu unigênito para que, todo aquele que crer Nele, não pereça, mas tenha vida eterna.

O translúcido amor de Deus tem a sua contra-parte em Cristo, o Filho, cujo sacrifício de redenção foi voluntário e inspirado no amor, para vencer os grilhões da morte e assegurar a todos os homens as bênçãos da ressurreição. Ele declarou ser sua obra e sua glória, trazer a imortalidade do homem. O Apóstolo Paulo nos dá uma avaliação do permanente amor de Deus, em sua epístola aos Romanos: "Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes.

"Nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor."

Mas este amor divino exige resposta de nós, não meramente por declarações de nosso amor, mas pela nossa atitude em relação ao próximo.

João, na sua primeira epístola, escreveu: "Se alguém disser: amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso; pois aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

"Ora, temos da parte dele este mandamento, que aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão."

Como pode um homem ter comunhão com Deus, se ele não tem amizade por seus companheiros?

Jesus, quando lhe perguntaram qual era o maior mandamento, replicou: "Amarás o teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento.

"O segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas." (Mateus 22:37-40).

Quando em outra ocasião perguntaram ao mestre "quem é meu vizinho", ele replicou com a parábola do bom samaritano, que ensina a lição de que todos os necessitados de ajuda, todos os seres viventes são nosso próximo.

O nome de Abou-Ben Adhen encabeçou a lista dos que foram abençoados pelo amor de Deus, porque ele, aparentemente mais do que os outros, amou seu próximo.

A profundidade, diretriz e qualidade da nossa vida religiosa dependem de entendermos a natureza, propósitos e métodos de Deus, e nosso parentesco e responsabilidade para com Ele. As escrituras estão repletas de tranquilizantes promessas, onde certamente vencerá a força e o bem sobre o mal, verdade sobre erro, cristãos sobre anti-cristãos. João, o Bem-Amado, estava inspirado, quando escreveu a rapsódia na sua primeira epístola: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, ao ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não O conhecem a Ele mesmo.

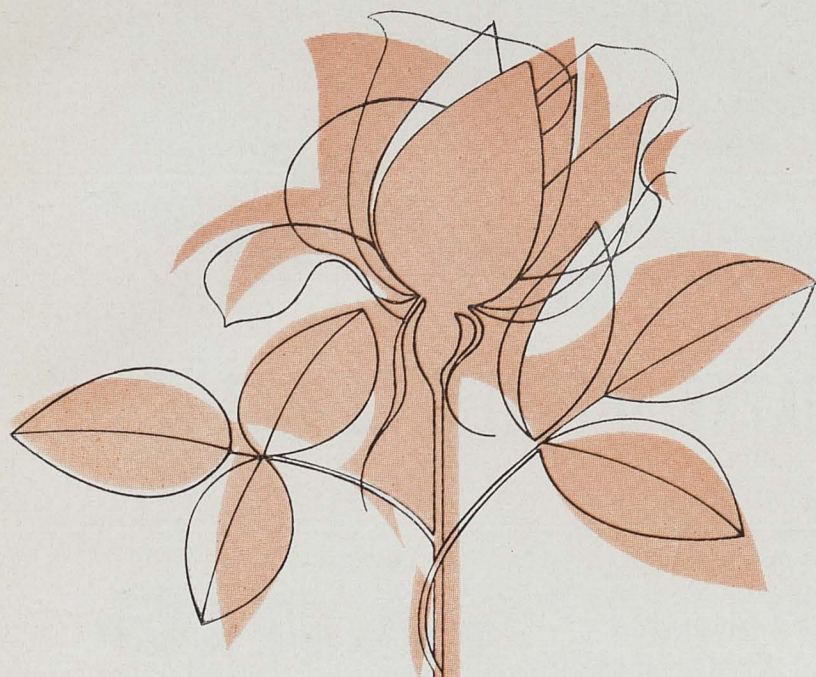
"Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Sabemos que, se Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque havemos de vê-IO como Ele é." (I João 3:1-2.)

No livro intitulado "Um século de mudanças religiosas, citado pelo Dr. James L. Barker, George Harris conta-nos: "Houve uma mudança no nosso conceito sobre Deus; falando francamente, podemos dizer que a teologia latina deu soberania à doutrina central. O governo romano era um tipo de governo divino. Esta teologia estampou a doutrina da determinação, predestinação e reprovação, o mero prazer de Deus como causa de todas as coisas. A crença engendrou mais medo e ódio do que amor e confiança... O centro da doutrina tem se desviado da soberania à paternidade". O inspirado conceito sobre a atual paternidade de Deus e simultânea irmandade do homem, é a básica doutrina do Mormonismo e é a mais profunda e eficaz filosofia do mundo de hoje. Nós acreditamos num Deus vivente; a sua glória é a inteligência, a qual denota propósito e planejamento; que ele tem a força e a vontade de realizar seus propósitos. Ele é o nosso Pai e isto nos assegura amor e inspira confiança.

Que o Espírito Santo possa dirigir todos os que ouviram esta conferência, e possa inspirar todos os que sinceramente têm o desejo de dedicação e atividade. Que nossas vidas atestem a gratidão do privilégio inestimável de vivermos na maior das dispensações e participarmos da preparação final para a segunda vinda de Cristo. Nenhuma era na história foi tão momentosa como esta, na precursão de Sua vinda.

O que aproveitaremos destes ensinamentos e em que proporção? Isto depende da "paciente continuação de beneficência", junto com a qualidade e profundidade do solo no qual as sementes da verdade deverão cair, e com o propósito de nos tornarmos praticantes da palavra e não apenas ouvintes. Será que a semente cairá no caminho, em lugares pedregosos, em solo pouco profundo ou entre espinhos? Será que a cautela deste mundo e a falsidade dos ricos sufocará a palavra, tornando as sementes estéreis? Ou será que ela vai cair em bom solo e frutificar? Cada um deve responder por si mesmo.

Oremos pelo fortalecimento de: "...que pratique a justiça e andes humildemente com o teu Deus." (Miquéias 6:8), em nome de Jesus Cristo, o Salvador, Amém.



# Certeza

Hoje encontrei deserta a tua casa.  
Nem som havia. Os próprios círios  
choravam em silêncio.

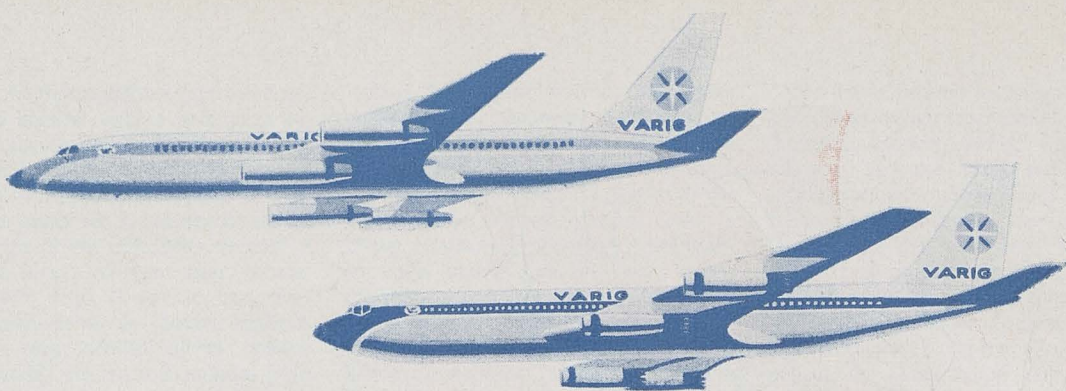
Nem sombra alguma além do triste olhar  
de uma violeta murcha. Nem  
côr. Partiste. Em vão busco

teus dedos no contacto calcáreo  
que deixaste. Em vão beijo teu  
rostro... Nêle pousou  
o acônito de cêra envenenando  
a luz do teu sorriso... Volto  
meus passos, tristemente,

e eis que te vejo, lúcido, a flutuar  
por sôbre as sebes do jardim  
de madressilvas. Passas

por entre os álamos. Colhes azáleas  
nos canteiros lavados pelo  
sol. Vens enxugar meu

pranto. E deixas paz. A imensa paz  
A branca paz silenciosa  
e viva da certeza.



## UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS ESTADOS UNIDOS POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA LOS ÁNGELES, MIAMI E NOVA YORK – COM OU SEM ESCALAS – A VARIG TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CO-NEXÕES PARA UTAH OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS. RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

# VARIG

COOPERE COM O ESFÓRÇO DO GOVÉRNO POUPIANDO DIVISAS, VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG – A PIONEIRA.

